

Categorias	Sub-categorias	Unidades de Contexto	Inferências
1. Bairro Horta da Areia	1.1. Infra-estruturas, habitação, saúde e higiene	<p>Habitação é um dos grandes problemas aqui da, dos residentes. Porque são casas pré-fabricadas, na maioria são casas pré-fabricadas e não foram, nunca foram alvo de qualquer tipo de intervenção para a sua manutenção, pelo menos a nível dos interiores. Algumas casas já tiveram algumas intervenções ao nível dos telhados mas pouco mais. E como são estruturas de fraca resistência, ao longo destes 30 anos, quase 40, é natural porque como estamos aqui próximos da Ria Formosa aaaa que tenham deteriorado com mais ... rapidez. (E1)</p> <p>Já incentivámos a reconstruir mas os canos está tudo partido e entopem muito e aquela zona ali quando chove faz um lago e sai tudo para fora, temos de estar sempre a chamar os bombeiros quando chove, faz ali um declive é horrível, inunda aquilo tudo. E isto está mal feito não era para durar tantos anos e não acredito que isto vá sair daqui tão cedo. Aqui cada vez há mais pessoas a casarem-se... alguns já estão a conseguir sair mas há outros que não conseguem e cada vez há mais barracas e vão-se acumulando todos em casa, há casas que têm 7 pessoas e torna-se muito complicado. Há outros que vão recuperando a casa, outros que pintam, elas gostam muito de pintar com cores, há aqui umas que aos poucos vão dando um jeitinho, pintam muito, põe muitas flores, cortinados, comprar aquelas coisas, elas gostam só que... outras não têm torneiras, está tudo partido, outros não têm luz dentro de casa têm velas, outras... aquilo acaba por se habituar mas se tivessem mais condições era muito melhor. Há muitos animais nas casas, eles deitam muito lixo. Fizemos a campanha Limpar Portugal e elas ajudam, os telhados também já uma vez arranjaram mas não foi suficiente. ... Há ali casas que não têm janelas e noto isso porque os miúdos vêm sempre constipados, e quando não têm janelas usam tábuas e aquilo passa vento, eles não usam aquecedores só mantas, as casas são muito frias de Inverno e eles andam sempre constipados eles passaram desde Outubro até Fevereiro sempre constipados. (E3)</p>	<p>Habitação, falta de manutenção das casas e proximidade da ria faz que ajam sérios problemas com as infraestruturas.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Canos entopem; - Inundações; - Estrutura do bairro era para ser provisória mas está há 30 anos; - Agregados crescem na mesma casa; - Falta de iluminação elétrica ou problemas de canalização; - Os habitantes tentam remediar dentro do possível; - Casas frias, provocam constipações nos miúdos; - Falta de casas de banho. - Problemas de sanidade; rato.

... a maioria não tem casa de banho... a maioria dos miúdos com quem trabalhamos não têm duche, não têm casa de banho aaa é muito quente de Verão e muito frio de Inverno, é perigoso, tem ratos, tem esgotos assim que estão entupidos regularmente, não tem sanita muitas vezes aaa têm eletricidade quando pagam mas muitas vezes também não pagam. Têm água mas não pagam, muitas vezes não têm água. Portanto a nível de bairro é terrível. (E2)

... eu lido muito com os miúdos e com os pais também não é, mas lido muito com os miúdos, e depois acaba-se por se perceber que eles funcionam igual a nós ... Há pessoas que cortam o cabelo e vêm desmaquilhadas para aqui por causa dos piolhos e isso já não é bem assim... há ciganos que têm piolhos mas são aqueles que vêm de um acampamento ou que não estão inserido num bairro e isso é normal porque o desleixo é maior e não há ninguém a andar a os controlar ... E que os ajude a perceberem (porque eles vivem assim um bocado num tempinho antigo), agora isto aqui não, nós aqui a gente fornece isso, as enfermeiras no projeto (imperceptível) eles tomam banho aqui e já nem é bem assim, nem têm metade, tanto que eu digo para tirarem e já aconteceu vários casos de os tratarem mal por causa dos piolhos. (E3)

É a questão da habitação. Está muito degradada apesar de eles terem partido, alguns degradaram por causa das maluquices (porque têm uns desvaneios de vez em quando) mas as casas estão muito... e depois passaram de geração para geração e as casas não aguentam. Depois a Câmara também não... isto é um bairro provisório e tá assim há tantos anos e eles também não querem insistir, querem que as pessoas invistam, só que o problema é que não há também, não há iluminação... só que eles às vezes partem, com outro tipo de iluminação, outros postos diferentes, a gente tem de adaptar coisas para os bairros (que há), outro tipo de postes, haver mais polícia aqui a passar... também é complicado (E3)

È a parte da iluminação, as casas estão muito... os canos, alguns não têm casa de banhos alguns partiram outros as janelas não existem são tábuas e isso tudo dá um

-Degradação das casas também em algumas casas por falta de cuidado;

- Desinteresse da autarquia em investir no bairro, em iluminação e nas ruas, por exemplo;

- Insegurança e falta de policiamento.

	<p>aspecto muito mau à casa. Às vezes perguntam se têm casa de banho, têm mas está tudo partido ou se têm água quente, normalmente não têm esquentador aquecem a água em cafeteiras e depois tomam banho e nós aqui temos o chuveiro. (E3)</p>	
<p>1.2. Aspectos étnicos e culturais</p>	<p>... eles aqui não podem ir à praia... a mulheres a partir de uma certa idade acabou-se que elas podem ir mas vindo o período já não podem porque têm maminhas e as regras deles é que não que já está a mostrar demais e já não é de bom tom. ... Podem usar topes, saias, mas ir à praia já é difícil depois a mãe já não quer e depois pode surgir um cigano e dizer: “ah eu vi a sua filha de cuecas”, depois é uma difamação ela pode ser muito falada e depois já não corre bem. (E3)</p> <p>Ao nível dos ciganos, infelizmente, há uma grande pressão social sobre eles. Os ciganos são todos diferentes uns dos outros mas aqui os nossos ciganos são muito conservadores. ... pode-nos parecer que estão muito à frente, que estão integrados, no entanto vêem o casamento e só o casamento então ... entram naquele peso e um controlo social que há depois não... aaa que é próprio dos ciganos, pelo menos dos daqui, cá há muita crítica, há muita pressão e já não é só das famílias, do grupo de famílias, também da família com quem se vai casar que espera determinados comportamentos e muitos deles são contrários aos comportamentos da maioria e muitas vezes os adultos não segue, dos grupos de ciganos, ganham ... com a maternidade ou paternidade e daí terem os filhos muito cedo. (E1)</p> <p>Gostam muito de ter coisas. Gostam de ter ouro, gostam de andar muito bem vestidas, gostam de ter essas coisas, ligam muito aos valores às coisas materiais. (E3)</p> <p>Quem poderia mudar isto são as mulheres porque as mulheres é que têm o papel educativo. E formar as mulheres seria garantir que as coisas mudariam mas também tem a ver com os percursos pessoais... eu acho que nós não poderemos pôr todos no mesmo saco e lá vai... porque até é mesmo a maioria. Isto vai depender, lá está, da força que cada um tem e da vontade que tem para ter uma vida diferente. Aqui no bairro temos uma pessoa que (tosse) que tem o curso de mediador cultural e que está</p>	<p>A proteção da honra da rapariga, a sua virgindade e boa imagem.</p> <p>Vai ao encontro do que o autor dizia sobre não pouparem, gastarem o dinheiro nas coisas que querem mesmo que depois lhes venha a fazer falta para outras mais importantes.</p> <p>A importância das mulheres mudarem os seus percursos para tudo começar a alterar-se. Mulher0</p>

a trabalhar e está perfeitamente integrado e que luta pelos direitos dos ciganos ... E já tem a ver com a própria família e com os desejos que ele tem e com as suas aspirações pessoais. (E1)

... para os pais ciganos é extremamente importante receber *feedback* positivo (oh *pá* para qualquer pais deve ser importante) mas para eles, como os miúdos são Reis (até uma certa idade são os Reis), quando alguém que não é cigano diz: “Ah o seu filho tem jeito, dança bem, é bom ator”, UAU para um pai cigano é maravilhoso não é?! (E2)

Na tradição deles uma forma de se expressar e de dizer as coisas é dançar e cantar! (E2)

A maioria é cigana e é um povo muito característico, eles têm uma maneira de pensar muito própria, uma cultura muito definida. Aceitam bem a nossa maneira de pensar, a nossa outra maneira de viver ... estão habituados a ser nómadas agora estão mais fixados num sítio, ainda há ciganos nómadas mas já é raro. Eles já preferem ter uma casa, já gostam de mais de comunidade (no Centro já mudaram...) (E3)

... aqui o homem é muito autoritário, a mulher é muito submissa, normalmente eles é que mandam, normalmente e quando se sente. Há poucas as mulheres que dizem: “Não, eu também mando e digo o que penso” mesmo que elas se queixem é mais com pessoas amigas ou família, não é mesmo com eles porque eles batem, são um bocado agressivos porque bebem muito (E3)

elas têm uma coisa boa, para os miúdos, elas cuidam muito dos miúdos mas no momento em que eles começam andar já estão mais livres já, portanto: “Já andas, já corres, já te sabes desenrascar sozinho”, porque são pequeninos e logo a seguir, aquilo são por fazes. Uma coisa que elas gostam é de ser mães, aquilo acho que lhes ocupa o tempo, já me apercebi disso, e então quando um tem 6 elas têm outro que já

educadora. Há percursos individuais que se destacam, mas depende da força de cada um para resistir ao controlo social do grupo e família.

Criança = REI

Sedentarização.

Mulher submissa, homem autoritário.

Autonomia das crianças e jovens *

<p>tem 1 ano e então começam logo a deixar o outro (E3)</p> <p>eles têm aquela tendência quando um <i>tá</i> doente vai a família inteira. Há pessoas que não gostam, às vezes incomoda, principalmente nos hospitais, mas aquilo é o sentido que eles têm de quando acontece uma desgraça vai... aquela solidariedade que eles têm entre eles ... isso é interessante, isso nós não temos (E3)</p> <p>dançam muito esquecem-se dos problemas, se passam fome esquecem-se, se estão mal também se esquecem. A dança é uma coisa que os liberta bastante (E3)</p> <p>... os miúdos em si, se forem rapazes e não querem ir à escola isso também noto que: “Olha o menino não quer...”, eles não gostam de obrigá-los, acham que tudo lhes faz mal. Nós temos aqui feito lhes ver que não é bem assim... eles podem ir, às vezes têm mesmo de ir (temos de conseguir em alguns casos) mas há outros que os pais já nem... é complicado! Quando estão com pais é uma coisa connosco é outra, mudam. (E3)</p> <p>Tudo o que é para sair e mostrar eles gostam. Eles gostam muito de espetáculo, gostam de dança, são um povo muito divertido e então eles gostam de mostrar, nós somos mais envergonhados. Pronto querem é mostrar, vamos embora! Querem é... gostam de festas, quanto mais festas melhor. (E3)</p> <p>...isto é um bocado complicado porque eles... primeiro temos de conhecê-los bem e há coisas que eu também não concordo, acho que eles deviam de trabalhar, no mínimo deviam de fazer nem que fosse um <i>part-time</i> para começarem a perceber que o dinheiro não pode cair assim do Estado ou que não é “Olha tenho a obrigação de dar” e nós aqui já estamos a mostrar que não é assim, porque isto não é um dado adquirido, têm também de merecer. ... Porque ouço as pessoas dizerem: “Nós trabalhamos a vida inteira e não nos dão o rendimento mínimo e ficámos sem emprego” e a eles dão-lhes a vida inteira, isso às vezes é... eu também não gosto de</p>	<p>A união familiar</p> <p>A mentalidade “carpe diem”</p> <p>*</p> <p>“São um povo divertido”</p> <p>A importância de mudar mentalidades mas de respeitar o tempo necessário a que haja uma mudança natural por parte das pessoas e não forçar as coisas.</p>
---	---

ouvir *né*, a gente também sente. Por exemplo, eu noto nos miúdos mais novos que já vai havendo uma diferença, eles têm que ir para a escola, têm que fazer os cursos, obrigatoriamente, e depois acabam por gostar eee isso vai-se mudando... mesmo elas já (imperceptível) sem trabalho, as mais novas agora já querem fazer qualquer coisa para ganhar dinheiro porque vêm que o dinheiro já não chega, como antigamente (que é uma coisa que está a melhorar) e acho que devia de haver mais investimento do Estado nesse aspeto. ... Claro que tinha que haver pessoas para este trabalho, tinham que disponibilizar técnicos e isso é preciso coisas que nós sabemos, é uma coisa que nós devíamos de fazer com a ajuda das pessoas que trabalham no terreno, não só aqui como outras partes do país, isso era excelente! Não digo a tempo inteiro porque para eles (imperceptível) é como a gente chegar ao pé de um povo, seja qual for, de repente tiramos tudo o que eles têm... isto é complicado, a gente não pode chegar ali e “Olha agora vais fazer assim”, é a mesma coisa que pôr uma burca a uma portuguesa e “Olha agora não falas mais”. (E3)

É um estatuto terem namorado e depois falam no casamento que só vão casar a uma certa idade, que para elas é aos 20, que é cedo mas já é melhor ... Filhos, depois querem ter 2 e querem ter uma casa (E3)

... alguns que são muito agressivos para as mulheres e depois batem e elas não têm necessidade de apanhar *porrada* por causa disso e depois quando bebem são muito mauzinhos. (E3)

elas vão muito ao culto, o culto é o pastor delas e então... quando vão para o culto deixam de dançar, é possessão, estão a dançar para o diabo.

Eles têm essa mentalidade e é difícil. E ele tem um grande poder sobre eles. Se ele disser, como aconteceu aqui há um tempo, que iam raptar crianças ninguém foi para a escola durante uma semana e a gente não consegue fazê-los pensar que é outra coisa. Há uns que não acreditam e há outros que acreditam muito e esse pastor tem aquele

A importância do namorado, o que poderá justificar alguns dos comportamentos que tenho vindo a observar em algumas raparigas ciganas do grupo.

A religião, mais uma manifestação de controlo.

	<p>poder e depois dizem que ele cura pessoas é muito complicado, têm dvd's, aquilo é tipo Reino de Deus Brasil. (E3)</p>	
<p>1.3. Famílias</p>	<p>... acho que o emprego ééé... os ciganos desenrascam-se, eu acho que têm mais facilidade de trabalhar não é. Eles vão recolher as coisas, vão vender nas feiras, fazem <i>business</i> de cavalos, assim uns <i>biscates</i>, a malta vai pescar, pronto. Mas é uma economia muito pequenina... muito pequenina. Os miúdos vão todos à escola, alguns não vão porque... porque a escola não responde às necessidades também, alguns não vão mas há muitos que vão. (E2)</p> <p>... eu gostaria de poder dizer que existe um espírito de comunitário e por aí fora, mas de facto é que são famílias que têm relações de grande competição (E1)</p> <p>... nós temos 50% sensivelmente de residentes são ciganos, são famílias ciganas e depois temos os não ciganos. A nível deee... pessoas emigrantes do leste não temos, temos 4 famílias aaa dos PALOPS aaa e mais nada. Acho que são pessoas que eram do Alentejo, muitas delas, que estão aqui no Algarve há uma ou duas gerações... mas maioritariamente Farenses. (E1)</p> <p>Temos muita gente beneficiária do rendimento social de inserção, temos muita gente dedicada ao (imperceptível) alguns legalmente outros fazem ilegalmente porque não têm, fazem na ilegalidade. Temos algumas pessoas, poucas, com contratos de trabalho. Temos residentes que trabalham na Fagar, por exemplo, temos aaa pessoas que trabalham na Câmara Municipal... mas são poucos, poucos que têm uma entidade patronal. (E1)</p> <p>Normalmente as famílias ciganas são mais extensas. Têm tendência também para um agregado familiar ser composto por dois núcleos, porque lá está, muitas das famílias estão aqui há muitos anos acabaram, os filhos acabaram por se casar e ter também os seus filhos e uma vez que não têm, que não tiveram hipótese de, de arranjar a sua</p>	<p>Negócios de subsistência diária “biscates” para arranjar dinheiro para o dia-a-dia.</p> <p>Falta de união entre as famílias do bairro</p> <p>Metade das famílias do bairro são ciganas.</p> <p>Rendimentos: - RSI - Poucos contratos de trabalho; - Vendedores ambulantes (legais e ilegais); - Biscates.</p> <p>Filhos que constituem família na casa dos pais, acabam por viver em espaços anexos à casa.</p>

	<p>própria casa, acabaram por construir ou um anexo ou uma barraca próximo da casa dos pais, lá está, para também ter essa rede de apoio familiar (tosse) mas talvez uma média de 4 pessoas por agregado. (E1)</p> <p>... porque são ciganos e só por causa disso será mais difícil encontrar trabalho e, é por isso que se dedicam a atividades em que não existe uma entidade patronal... estou-me a lembrar da apanha da amêijoa, daaa, muito, hoje em dia pratica-se muito a recolha do ferro velho aaa, e atividades que não tenham diretamente a ver com, com relações de dependência. (E1)</p> <p>Há muita gente que não sabe ler, temos aqui uma grande percentagem de analfabetos, neste momento não sei precisar quanto (E1)</p> <p>Eles têm todos aqueles televisores gigantes, aqueles plasmas, dvd's e essas coisas. Depois a gente acha que é superficial, mais vale ter outra coisa, ter comida em casa, mas elas não, elas é LUXO. Têm outra maneira de pensar e essa parte aí até é de ir buscar, têm televisões gigantes em casa, telemóveis, têm um bom carro mas às vezes falta outra coisa. (E3)</p> <p>... eles têm muita dificuldade em perceber o português, alguns nem sequer têm a 4ª classe e nem sabem ler nem escrever, normalmente lemos sempre as cartas e temos de lhes explicar o que é porque não percebem o que está lá escrito e é normal. (E3)</p>	<p>Actividades sazonais.</p> <p>Analfabetismo ou pouca escolaridade.</p> <p>Faz lembrar os telemóveis de última geração do Valentim.</p>
<p>1.4. Ambiente no bairro</p>	<p>...aqui as minhas ciganas são muito más umas para as outras “Ai tu tás gorda” ou “tu tás feia” ou “tens o cabelo assim”. ... Eles não se dão todos muito bem. ... Há sempre um que diz qualquer coisa e o outro fica ofendido. Se há confusões muito grandes, normalmente eu tenho de sair (porque eu já noto), já aconteceu aqui e tive de sair, e noto que elas são... não diria inveja, mas se uma tem uma coisa a outra também quer, elas são muito assim do tipo de querer ter, poder ter muita coisa em casa. Eles têm todos aqueles televisores gigantes, aqueles plasmas, dvd's e essas coisas. Depois a</p>	<p>Más relações entre as famílias.</p>

gente acha que é superficial, mais vale ter outra coisa, ter comida em casa, mas elas não, elas é LUXO. (E3)

... é assim não digo que isto não tenha problemas mas não são tantos como as pessoas dizem, há se calhar piores! Isto tem problemas e assim não aconselho pessoas a vir para aqui sozinhas à noite, não aconselho, tem que se conhecer porque eles têm um grupo não é?! Se for cigano eles vêm ver quem é mas sabem uns dos outros. Depois há aqui um grupo de portugueses, que alguns são de cor, e esses são mais agressivos...que são os que têm assim umas atividades menos próprias e a polícia está em cima deles, mas isso é mais complicado aí já não garanto mas os ciganos não fazem mal, aqui não fazem, não agridem nem nada disso (E3)

Os não ciganos atacam muitas vezes os ciganos porque existe... é uma questão de competição, todos querem ter os mesmos direitos, todos querem ter os mesmos benefícios e os não ciganos vêm os ciganos como aqueles que têm direito a tudo e a mais alguma coisa só por serem ciganos e logo por aí já há uma, começa logo aí uma flexão de discriminação... aaa mas mesmo muito aqueles que não são ciganos já há invejas e há relações de conflito, lá está, porque há competição. ... E- Humhum. Achas que há mais união entre os elementos de cada família do que entre as famílias?
e- Sim, sim, sem dúvida. (E1)

Aspetos positivos... primeiro é um privilégio, isto é se compararmos isto a uma aldeia do interior aaa embora haja competição e relações conflituosas entre determinadas famílias, há também aquela vontade para estar na rua, para convívio no espaço exterior. Durante o dia funciona mais ou menos bem, tomara muita gente da cidade poder fazer o seu almoço, grelhar o seu peixe à porta de casa, poder ter os filhos andar à vontade pela, pelo bairro sem ter medo que aconteça qualquer tipo de coisa (que é o que acontece aqui com as crianças que podem andar aqui há vontade) e depois vão de casa em casa porque a rede familiar está toda aqui não é! Muitos de nós que têm os seus familiares noutras zonas do país, aqui não, têm tendência para se

O perigo do bairro à noite devido a 1 grupo específico de pessoas (não ciganos) que têm actividades ilícitas

União entre elementos da mesma família, mas não entre famílias.

Aspetos positivos:

- O convívio no espaço exterior;
- Crianças podem circular á vontade, o que vai ao encontro do que o Zézinho disse sobre poder brincar;
- rede familiar alargada a viver no bairro.

	aglomerarem aqui e são dos aspetos positivos. (E1)	
1.5. Relação com “outsiders”	<p>No início do projecto era assim, não entrava aqui qualquer pessoa. Eu cheguei assistir... houve uma altura em que a universidade quis fazer aqui uma visita e eram estudantes de Barcelona, e eles estacionaram o autocarro do outro lado da estrada, e enquanto eu fazia aqui uma explicação do que é que isto era, houve um grupinho que resolveu dar uma voltinha por seu livre arbítrio... deram aqui a volta e voltaram logo para atrás porque apareceu alguém e perguntou-lhes quem eles eram, o que estavam ali a fazer, o que eles queriam... houve uma altura em que era complicado mas graças aaa, lá está, ao nosso trabalho ... a maior parte das pessoas são convidadas a dar uma volta ao bairro e isso faz com que as pessoas, os residentes, aaa contactem com pessoas de fora e normalmente são pessoas que acabam por nos trazer algum, alguma, que estão aqui por um motivo que consigam ser benéficos para eles. (E1)</p> <p>Há uns [professores] que gostam muito deles mas de vez em quando há sempre... ali na primária eu não noto muito nos professores. Aqui na Joaquim já é mais complicado, porque as pessoas têm outra atitude e isto é preciso... devia de haver pessoas para mediar e para os acompanhar, devia de haver mais apoio porque isto é um choque muito grande porque eles têm uma mentalidade completamente diferente e depois integrar-se ali... eles integram-se mas depois tudo à volta tem de se explicar, isto parece ridículo mas não, assim têm explicar... isto não é como: “olha agora vamos atirá-los para ali e eles que se desenrasquem” e às vezes não têm capacidade nem apoio em casa ... Nem com o pai e a mãe conseguem falar, não percebem porque nem sequer foram para o ciclo. Devia de haver alguém a mediar porque acho que faz falta porque eles não se entendem, há falta de comunicação, depois claro gera conflitos. Há uns que fazem asneiras mas outros é falta de comunicação e há miúdos que são maldosos, como é cigano... e elas normalmente andam bem vestidas mas já trabalhei noutras escolas e já fiz o projeto CRIA e é uma diferença descomunal, as miúdas chegavam sujas à escola e é normal que haja preconceitos. Aqui não, aqui é impecável. É muita gente e o apoio não chega a toda a gente. As escolas também deviam de promover mas depois, isto é muito complicado e torna-se numa bola de</p>	<p>Na escola nem sempre é fácil a integração, pois é 1 sistema a que não estão habituados e por vezes falta o acompanhamento e apoio por parte dos pais.</p>

	<p>neve porque é preciso dinheiro para isto e para aquilo... aqui não, aqui já temos uma instituição a trabalhar para isso é mais fácil. Eles quando têm problemas telefonam-me para ver se a gente consegue mediar a situação, é um coisa boa, isso nós conseguimos fazer mas não dá para tudo. (E3)</p>	
<p>1.6. Opiniões de dentro sobre o bairro</p>	<p>E- E o que achas que os jovens sentem em relação à comunidade? Por exemplo, os do grupo de teatro, achas que eles gostam de viver aqui?</p> <p>e- Não!</p> <p>E- Achas que eles têm vergonha?</p> <p>e- Alguns têm porque as pessoas dizem logo “é da Horta da Areia?”, é logo. Outros gostavam de ir para um sítio com melhores condições, eles sonham com uma casa, com boas condições. Eles têm outra perspectiva dos pais, já pensam de outra maneira, querem ter tudo arranjadinho, ter as coisas delas, comprar, vaidosas e eles também muito vaidosos. E a gente também estimula muito isso para... porque é assim não é por ser pobre que tem que se andar mal vestido, não digo que tem de andar com marca mas que andem limpos, claro, já é meio caminho andando e isso eu tenho estado a inculir. Eles gostavam de morar noutra sítio com um espaço diferente, com jardim, eles gostam muito dos jardins de Faro, eles adoram isto, os mais novos já querem isso. Algumas gostavam de sair daqui para um sítio melhor, apartamento, casa, qualquer coisa melhor. (E3)</p> <p>E- E ao nível do bairro achas que o facto de eles estarem, de haver o problema da linha do comboio e do sentido único, achas que isso é um empecilho ou contribui para afastar o bairro da cidade?</p> <p>e- Claro (só quem não tem dois dedos de testa é que ainda não percebeu) isto é ridículo. Para já porque eles têm que dar a volta inteira e a pessoas deixam de ir ao Lidl. Primeiro: porque têm de dar a volta ao bairro inteiro e assim não só têm de atravessar aquele bocadinho e isso isola... é assim não digo que isto não tenha problemas mas não são tantos como as pessoas dizem, há se calhar piores! (E3)</p>	<p>Jovens não gostam de viver no bairro, resultado do estigma social, mas também do sonho por ter uma casa com melhores condições habitacionais.</p> <p>Alinha do comboio, o sentido único para entrar no bairro guetiza mais.</p>

Do que é que tu gostas?

e1- Horta da Areia.

e7- Eu gosto porque tá a minha família.

e7- Eu acho bonito. É bonito.

e8- Não presta este bairro.

e2- É só confusões.

e8- Alguns limparam aquelas árvores que tão ali, cortaram. Limparam o lixo e ‘tá tudo na mesma. Este bairro ‘tá cheio de lixo. (GD)

e1- Gosto do bairro.

e1- Brincar, andar de skate, andar de bicicleta.

e4- Eu não gosto.

e4- Então olha é aborrecido.

E- Gostam do aspecto do bairro?

e4- Não.

E- Gostam das pessoas que vivem aqui?

e8- Não.

e2- Nenhuma.

e2- Eu gostava de sair daqui.

L- E viver aonde?

e2- Sei lá, por mim podia ser em Olhão. (GD)

e4- Gostava de viver noutro sítio tipo...

E- Tipo o quê?

E- um sítio mais bonito?

e4- Sim! Com mais condições. Com mais pessoas. (GD)

Para mim é uma favela. É como se fosse uma favela sem, a nível arquitectónico é uma favela autêntica eee do outro lado da linha é isolada, cada vez mais isolada com essa coisa do trânsito que puseram o trânsito só num sentido, pode-se sair da cidade

Jovens fazem alusão às confusões, ao lixo, “não presta este bairro”.

Uma criança diz gostar do bairro porque pode brincar. Refere-se a brincadeiras realizadas na rua, como andar de skate.

“Eu gostava de sair daqui”
Também dizem não gostar de algumas pessoas.

“Com mais cond. Com + pessoas”

- Uma favela isolada, à parte da cidade, com regras, dinâmicas e relações de liderança próprias. Uma comunidade?

pela favela mas não se pode entrar na favela para a cidade. Não faz parte da cidade, simbolicamente, tem dinâmicas próprias, tem liderança, tem regras entre elas, tem duas vidas: uma de dia e uma de noite, aí de noite é perigoso. Há pessoas que vêm de fora a este bairro procurar droga ou traficar porque é um bairro, a polícia não vem, portanto é um sitio onde não estão vigiados. Os próprios habitantes deste bairro se queixam da falta de segurança, eles próprios foram todos roubados, as casotas deles não têm nada eles foram roubados várias vezes aaa durante o dia somos muito bem acolhidos. Eu acho que durante o dia as pessoas estão contentes, as pessoas de fora, estão habituados a ter pessoas de fora. Isto é um bom ponto do trabalho da Fundação onde há grupos, turmas, fazer visitas, pronto. Acho que sim, a malta gosta de ter visitas durante o dia, de falar, de fazer coisas, brincar, rir, de falar. Eu sempre fui muito bem acolhida acho que nunca tive nenhum problema nem de violência nem de agressividade, nada. (E2)

Mas para mim é uma favela, um bairro abandonado. Um bairro que foi esquecido, (imperceptível) depois passaram a batata quente um ao outro, nunca resolveram os problemas dessas pessoas que no início estavam lá à espera de uma casa, estão à espera há 30 anos. ... É um bairro, mas é um bairro que tem vida de bairro que tem... que tem as suas... dinâmicas e pronto e etc. É pobre, sim, bastante pobre. A malta trabalha, muita gente que trabalha. Como uma favela autêntica, é um gueto de noite, acho que de dia não é gueto, de dia pode-se ir lá falar com as pessoas, trazer roupa, fazer coisas com os miúdos, com jovens, com as mulheres. Agora de noite acho que é injusto porque é um bairro esquecido de noite, a nível de segurança e traz a marginalidade toda, não só de Faro como fora de Faro. As pessoas culpabilizam muito os habitantes do bairro de serem os problemáticos mas muitas vezes são as pessoas de fora que vêm fazer a porcaria, mas tem aquele carimbo não é! (E2)

Para mim o que *tá* bom, por exemplo, eu vejo das crianças, eu acho que tem um verdadeiro território de jogo aaa e brincam muito... não *tão* em casa em frente do computador sozinhos, não estão sozinhos, têm amigos, têm relações sociais tem... e

Vida de noite, perigo de dia, pessoas simpáticas e hospitaleiras.

“um bairro abandonado”
“um bairro que foi esquecido”

O problema da marginalidade de noite, falta de segurança mesmo para os seus habitantes.

Outra pessoa que refere o facto das crianças poderem brincar em segurança na rua, o que é algo

tão sempre na vigilância de um adulto ainda, isso é bom, acho que a nível de vizinhança cada um olha um miúdo que está a brincar em frente, estão muitas vezes fora, na rua... na rua deles, no bairro deles. Acho que sim, que os miúdos que não estão sozinhos, têm amigos, têm família, isso eu acho que são coisas que pronto! Vizinhança, atitude eu acho que... há boas interações de vizinhança e há más interações de vizinhança, também porque há pessoas que se detestam. Aaa acho que se o bairro fosse mais unido, se houvesse mais, haveria inclusive um potencial de ter um barzinho, vender coisinhas, porque há pessoas que fazem coisas. Há um senhor que faz coisas com fósforos, por exemplo, há senhoras que podiam cozinhar... podia haver, mas com essas leis todas da ASAE que proibi, podia ser um bairro até que viva, com comércio e pronto. Até arranjado fazia tipo como bairros que há nesse mundo fora. O bairro Laboca em Buenos Aires, que era um bairro igualzinho, de chapa, etc, que era um bairro de italianos que desembarcavam na Argentina, inventaram o Tango e virou um bairro de moda... há tasquinhas e pronto. O bairro Alto em Lisboa, desculpa, de putas e companhias e é um bairro de moda. Eu acho que podia até ser, inclusive, haver um potencial de comércio, não é?! Com as casas melhores, com as ruas com luzes, com banquinhos, vender as conquilhas, para os turistas ... Só que um: não é permitido e ainda não há esse, eu acho que não há essa necessidade no bairro. Quer dizer, se houvesse, havia potencial de ganhar dinheiro e a malta organizava-se... de certeza! As carroças dos ciganos, os passeios com os burros ou cavalos funcionaria, eu tenho a certeza. ... Em vez de ter isto como um problema ter isto como potencial, quer dizer... mas acho que falta, falta muito... é uma mudança de mentalidades e de política brutal! Mas não é impossível. (E2)

É uma comunidade e não é uma comunidade, pronto. Depois há subgrupos também, subgrupos dos feirantes, dos ciganos, cabo-verdianos (que nunca se vê ou estão organizados de outra forma). Há subgrupos, humm (pausa 4s) mas todos se identificam como o bairro da Horta da Areia apesar de tudo, todos eles reivindicam o cantinho deles, a casinha deles, a Horta da Areia, pronto todos têm... ou vergonha de dizer que vêm de lá ou um certo orgulho também, portanto é ambíguo o sentimento.

positivo.

Boas e más relações de vizinhança.

Se fosse um bairro mais unido as pessoas poderiam arranjar formas de rentabilizar o potencial do bairro e dos seus habitantes.

Faltará os objetivos em comum de que se fala quando se fala em comunidades, segundo alguns autores?

São comunidade no sentido em que as pessoas se identificam como fazendo parte do bairro. Há 1 sent. De pertença, com histórias e vivências coletivas. Há subgrupos, o que os divide.

Portanto é organizado e não é organizado. Se calhar não é organizado conscientemente ou com objectivos claros, mas há uma organização, as pessoas identificam-se como de lá. Tem uma história, tem vivências colectivas (E2)

... mas falta muita consciência política, muita consciência. Acho que a grande diferença com as comunidades, com os jovens de origem africana é boa, poder desbloquear, eles têm uma consciência mais política dos seus problemas, injustiças e opressões, numa cigana não há tanta essa consciência política eee portanto há um medo ... de reivindicar simplesmente (suspiro), por isso que acho que os jovens têm mais dificuldade e estou a sentir isso na Ala 10, a mesma falta de política, porque são miúdos ciganos (mais uma vez) e alguns feirantes ou não sei quê... com uma falta de consciencialização da sua classe, da sua condição tipo “*tu* pobre mas sou cigano” não é! ... Tem direito a ter direito, tem direito a gritar que não é injusto, tem direito a reivindicar-se... não há organização, não há... aaa não há inclusive solidariedade entre eles, poucas vezes, as pessoas lutam por elas próprias, para as casinhas delas. Portanto pedir a um jovem que tenha essa consciência e esse sim mas com muita calma e muita paciência. (E2)

Eu acho que as mudanças são muito lentas e são pronto.... Aaa há de tudo a mãe da Filipa é cigana e o pai não é, há casamentos mistos, há raparigas que se formam e casam com quem querem, há... agora eles têm uma grande luta sim, a luta da sociedade e do seu povo... eee temos que apoiar e não pôr contra, nem uma nem outra. Tem um novo problema no bairro que é a religião, quer dizer que agora impede de dançar... há dois dias atrás disse-me lá um: “Tenho um tempo curto com a minha filha chorei muito, chorei muito, e tive um chamamento de Deus, chorei, chorei, chorei e no fim tinha as mãos todas brilhantes” e eu disse: “o que foi isso?”, “Ah é um chamamento de Deus, um chamamento de Deus”, e eu disse: “Porque tu choraste?”, “Era a voz de Deus, era a voz de Deus”... daqui a pouco não vai poder dançar, fazer teatro, NADA! Como lutar? Eu não sei! (imperceptível) esse padre, não sei se é padre... eu quase diria que é uma violação dos direitos humanos porque tu

Falta consciência política, os jovens não se organizam, não têm consciência dos seus direitos.

Falta de solidariedade, cada família luta por si e pela sua casa, falta de consciência de classe.

	<p>não podes proibir ninguém de dançar de dizer que é o demónio... Não pode proibir... portanto isto é mais uma luta. Essas igrejas estão no sítio dos pobres, pessoas que precisam de apoio espiritual e aproveitam-se. E depois apanham esses meninos de 8,9 anos e já não vão poder dançar porque é demónio. (E2)</p>	
<p>1.8. Estigma Social</p>	<p>E- Porque tu falaste-me também de um miúdo do teatro que uma vez chegou com a professora ao pé de ti. e- Sim com a professora e todo contente e ele disse: “ah é a minha professora de teatro”, e ela diz: “ah então é verdade” ... Pois os miúdos da Horta da Areia fazem teatro, dança e vão nas colónias de férias e que cozinham e limpam o bairro deles não é, e pronto. Essa mensagem tem de passar, tem que passar absolutamente se não é... acho que a mudança do bairro passa muito pela perceção que o bairro tem para fora... quando as pessoas perceberem que pode-se fazer coisas, pode-se ir lá, pode-se ajudar de outra forma. Há pessoas que vêm entregar roupa nem querem sair do carro, como na última vez que uma senhora veio de carro com o filho, com sacos cheio de roupa, bateu à porta de traz do Centro (enganou-se na porta não é!!!) porque não queria entrar porque tinha um cão e sei lá o quê... bateu na porta de traz, que normalmente não se abre, nós olhámos pela janela e dissemos que tinha de ir dar a volta e não queria dar a volta porque tinha medo.... e deu sacos assim quase sem sair do carro... possas um Centro cheio de miúdos, é só CRIANÇAS quer dizer... há um MEDO, medo do outro quer dizer... e acho que a única forma sim é trazer pessoas de fora dentro do bairro, quando se pode fazer, isso são grupos organizados e etc isso acho que é essencial e levar pessoas do bairro lá fora, o MAIS possível. (E2)</p> <p>Pelas peças que eles têm feito acho que dá para perceber que há, que se sentem de alguma forma discriminados não é. Não só pela origem cultural mas pelo facto de viverem aqui neste bairro. Acham que (imperceptível) para não ser discriminado, há sempre um estigma. (E1)</p> <p>Num seminário em que um cigano estava a falar dessa experiência com um filho na escola, e ele tinha sido chamado à escola e o filho disse: “Olha pai não digas que eu</p>	<p>Preconceitos e estereótipos</p> <p>Fomentar o contacto com pessoas do bairro e pessoas fora do bairro pode ajudar a desconstruir esse estigma? ... neste sentido parece importante que o teatro ajude pois permite esse contacto.</p> <p>Jovens sentem a discriminação, está presente nas suas peças.</p>

sou cigano, diz que eu sou só meio-cigano”... porque se ele fosse cigano inteiro já... o facto de ser meio-cigano já se vê aí uma grande diferença ... Acho que eles sentem e é natural porque aaa Faro não conhece a Horta da Areia mas não tem problemas nenhuns em criar juízos de valor não é! Isso é outra coisa que já disse publicamente até na rádio, convidei as pessoas a visitar o centro, o bairro. Isto não é aquela imagem monstruosa que se faz. É obvio que tem problemas agora se as entidades... lá está, há criminosos e há em todo o lado e também temos aqui os nossos e as entidades com essa competência de resolver essas situações muitas têm, esses indivíduos, de serem identificados. Agora é mau pôr toda a gente no mesmo saco. Temos pessoas de idade que vivem sozinhas e que não têm nada a ver com muitas das histórias que se contam aqui do bairro e que só querem viver a sua vida tranquilamente. (E1)

Depois a nível social muitas vezes... ou uns ou são ciganos ou não são ciganos mas vivem no bairro da Horta da Areia, são dois carimbos porque ciganos é o cigano e a Horta da Areia, aqui não é cigano é Horta da Areia, que é outro carimbo de marginalização que faz com que as pessoas não encontrem trabalho porque estão na Horta da Areia simplesmente! Há um medo dessas pessoas, parece que não são humanos, quando as pessoas falam da Horta da Areia: “Ahh”, tipo os cães, as pessoas, o lixo, assim um estigma social que eu acho que é MUITO FORTE. (E2)

Há muita vergonha, muitos dizem que não vivem na Horta da Areia, mas muita raiva também... é tipo: “Mas o meu bairro é o meu Bairro”. Eles não pediram para viver lá e depois eles não são maus, são pessoas, jovens como qualquer um, portanto pelo facto de serem carimbados, logo à partida porque necessitam isso torna-se injusto. Portanto, é um *mix* de vergonha de não dizer, de arranjar formas de como dizia o João: “Eu digo que vivo no Bom João”, e ao mesmo tempo: “Pois quando eu vejo a internet as pessoas falam mal da Horta da Areia e fico com raiva” pois é isso, não é o bairro deles que essas pessoas falam porque as pessoas não conhecem. Ainda há pouco tempo na diocese de Faro ouve comentários da Horta da Areia, horríveis: “Eu tenho medo quando passo de carro, fecho as portas porque eu tenho medo que me

A outra face do bairro... há pessoas que só querem viver as suas vidas tranquilamente.

Duplo motivo de exclusão, porque vive na HÁ e porque é cigano.

O smpels facto de viver no bairro dificulta arranjar emprego.

Os jovens, vergonha de viver no bairro, criam estratégias para evitar esa vergonha. Mas ao mesmo tempo sentem raiva porque é do bairro deles que se fala mal, o eu é injusto.

Um duplo sentimento. Neste sentido o TO parece importante enquanto forma de mostrar o potencial dos jovens do

assaltem, e quando passo de bicicleta os cães vão-me atacar”. É *pá* estamos onde?! No Bronx?! Quer dizer (sopro)... há uma paranoia, uma assim, que é ASSUSTADOR, quer dizer! Parem o carro, vai ao Centro, fale com as pessoas... (E2)

O cerco está tão... esses jovens, miúdos estão cercados por... cheios de preconceitos de um lado, cheio de proibição do outro, limitação, quer dizer... é por todos os lados. Da família, da religião, da sociedade, cigano, homem, mulher, acabou ãh... (sopro) fogo! Depois inclusive como eles se reproduzem muito a uns e outros, entre famílias, há muita deficiência, há muitos miúdos que têm a (imperceptível), não porque são ciganos estúpidos mas porque têm problemas psicológicos, é genético. Portanto se tu és uma menina e geralmente com atraso mental, cigana, pobre, num bairro, não vais ter um futuro é mesmo assim, as portas fecham-se todas... nem a escola é uma salvação, não vais encontrar salvação na escola, muito poucas vezes não é! Na família vão-se casar, na religião proíbe dançar agora, quer dizer é “pá, pá, pá” é horrível, é horrível. Depois tens de provar, tens que mostrar aos outros, a todos do resto da sociedade o que tu és: mais limpo, mais... o resto é comum aos imortais, quer dizer... os miúdos têm que ser mais perfeitos que os outros miúdos porquê?! Tem que ser melhor que os outros?! Eu perdoo a um branquinho de classe média de não trabalhar na escola, alguns ciganos preferem trabalhar na escola... *pocha*, e os outros, não é?!! Os ciganos é falta de respeito “ah sim então eles que mandem bocas racistas” e não sei quê, não, aí estão perdoados não é! Eles podem dizer as bocas racistas agora os ciganos não podem, os ciganos têm de se portar bem, têm de ser perfeitos, limpinhos, bem comportados, com bons resultados na escola, tudo direitinho. Os outros: “ah é normal”, bom... perdoa-se, caraças continuam a ser jovens como outros jovens qualquer a ter direito de chumbar, a ter direito de roubar uma coisa na loja porque faz parte de confrontar com a lei, tal e qual como outros jovens fazem quer dizer... eles não têm direito a nada disso! Eles não querem ser inseridos na sociedade mas tu queres trabalhar com eles tu dás trabalho a eles? Não! Então como tu queres que eles se inserem. “Ah os ciganos não querem trabalhar!”, “Tu que recusaste o

bairro e também os seus problemas para os de fora.

Problemas a vários níveis, pelos jovens: - preconceitos, família (proíbe, limita), religião, sociedade, desigualdade, se erram é porque são ciganos e do bairro e não porque são jovens e errar é um processo natural.

	<p>cigano”, não! (E2)</p> <p>Só que acho não tem jeito nenhum às vezes parece que a Horta da Areia... e eu já... quando digo que trabalho na Horta da Areia fica tudo a olhar para mim a pensar “O que será que fazes lá, como é que tu vais para lá, não te fazem mal?” <i>HELLO</i>, é um mito tão grande que... às vezes é demais, eu já me apercebi e cada vez está maior. Dizem logo: “O que acontece lá? Há morte? Há facadas?” e eu digo “Há como noutra sítio qualquer” mas é esse mito. (E3)</p> <p>... para já ir ao cabeleireiro não vão ... Os rapazes normalmente deixam, os barbeiros, mas as mulheres não deixam, não querem, não aceitam. Elas fazem umas às outras. Normalmente há preconceito. Porque ouve pessoas que as enganaram, outras porque vão lá e fazem figuras porque há sempre alguém que faz e isso é generalizado não é?! Elas vieram-me pedir para fazer às miúdas, tem que se ir com calma porque depois eles aproveitam-se, tem que se saber mediar a coisa. (E3)</p>	<p>Os técnicos também se apercebem do estigma do bairro.</p>
<p>1.10. Surgimento do Bairro</p>	<p>... em relação aos registos escritos é complicado encontrar alguma história do bairro. não é fácil encontrar registos da sua criação, no entanto sabemos que foi criado nos anos 70 aaa para albergar as famílias dos retornados das ex-colónias e também para realojar algumas famílias que viviam em barracas aqui nesta zona e na, no atual bairro do Santo António do Alto. (E1)</p> <p>... a ideia original foi de realojar as famílias provisoriamente, até que construíssem habitações definitivas mas como vê já lá vão alguns anos embora haja um projeto de realojamento ainda não está concluído. (E1)</p>	<p>Provisório Anos 70</p>
<p>1.11. Localização</p>	<p>Esse é um dos pontos que caracteriza o que é um gueto não é ao fim ao cabo, porque... nós estamos numa zona que estamos, que fazemos fronteira com o Parque Natural da Ria Formosa, estamos também inseridos na zona industrial do Bom João (tosse) logo pela lógica, não deveria haver aqui nenhum tipo de zona residencial, enfim foi a solução encontrada naquela altura. É um pouco longe da vista longe do</p>	<p>Gueto Zona periférica Zona industrial “longe da vista longe do coração” Fronteira mais evidente: passagem</p>

		coração e depois temos também a fronteira que é a passagem de nível, o comboio não é! Cria logo aqui uma divisão muito óbvia, em relação ao resto da cidade. (E1)	de nível.
	1.12. Problemas	... acredito que a inclusão e a intervenção que se dá pelo trabalho, mas para isso é preciso ter alguma formação académica e formação para o trabalho e depois... a questão do trabalho aaa e infelizmente vivemos num tempo que existe uma grave crise, não só a nível nacional como internacional, que faz com que seja... antigamente era difícil incluí-los no mercado de trabalho, hoje em dia muito mais não é! Depois há a agravante do nosso Estado também não (tosse) não suportar e ter sido obrigado a mudar as regras dos apoios sociais, depois também em 2010 começaram a cortar nos abonos familiares, as regras também relacionadas com o rendimento social de inserção, o que fez com que também não facilitasse a vida a quem necessita também. Depois a questão dos ciganos é que é uma relação duplamente traumatizados, digamos assim. Primeiro porque vivem numa situação de precaridade, como os não ciganos, mas por outro lado porque são ciganos e só por causa disso será mais difícil encontrar trabalho (E1)	Inserção no mercado de trab. é 1 prob.
	1.13. Jovens	... a grande maioria de jovens são ciganos. Eles com 14, 15, 16 anos são casados, portanto, eles logo à partida começam a trabalhar... vão à apanha da amêijoa, na escolha do ferro velho e por aí fora. Porque eles entram logo na vida activa, não têm aquela passagem da adolescência para a vida adulta, passam logo de crianças para adulto e eles acabam por trabalhar. Os outros procuram formação profissional e por aí fora, porque a maior parte deles acabam por desistir da escola, ao 7º, 8º ano acabam por desistir, pelo menos a maioria (E1)	“Passam logo de crianças para adulto”
2. Centro Comunitário	2.1. Relação técnicos-comunidade	O facto de estarmos aqui desde 98, a atual equipa está desde 2001... já faz 10 anos não é, mais de 10 anos, o que faz com que a relação com as pessoas seja de grande proximidade e isso facilita-nos muito o chegar às questões em termos de avaliar as nossas intervenções, vamos diretos aos assuntos e isso faz com que as coisas funcionem da melhor maneira não é! Claro, lá está, não vivemos isolados, dependemos também das nossas parcerias e do próprio ritmo que as pessoas têm e da	Técnicos acompanham a comunidade/bairro há mtos anos, o que permite uma relação de proximidade e confiança. Respeito pelo ritmo da população.

sua vontade e necessidade de mudar, ao fim ao cabo. (E1)

Uma vez precisei de vir à noite e eles eram muitos cá fora, e aquilo dá um certo impacto, os ciganos mais retraídos mais em casa. Também é mais aquela postura de “eu sou mau”, tem que se saber lidar com eles. Uma vez precisei de falar com eles por causa de um cão que estava abandonado, um pitbul, e pensei que fosse de algum deles então chamei eles todos e andei com eles ali, e uma pessoa tem que saber falar com eles porque eles têm uma linguagem muito própria e também têm uma maneira de pensar muito própria e aquilo não se pode entrar em choque com eles, tem que se saber os levar um bocadinho, não se consegue nada à bruta com eles. Consegue-se falar com eles, com jeitinho. (E3)

... temos de respeitar, principalmente o ritmo das pessoas, porque por nós já teríamos feito muito mais como é óbvio, mas as coisas não funcionam assim.(E1)

...mas fizemos questão que os miúdos viessem aqui, os mais sujos, tomassem aqui banho. Lá está, a relação-proximidade que temos hoje com as pessoas permite-nos pegar na criança e deixá-la na banheira sem ninguém perguntar nada aos pais. (E1)

Antes não me levavam um pouco a sério agora já levam... e é complicado porque eu tenho uma personalidade forte e eles não gostam, gostam de uma mulher submissa e eu não, eu digo: “Não, é assim, tem de ser assim” ... Eles depois acabam por perceber como é que eu sou. Em relação às mulheres, (para variar) às vezes não gostam ou porque há comentários posteriores “Ai a Sónia é assim ou assado” mas depois acabam por... aqui as minhas ciganas são muito más umas para as outras “Ai tu tás gorda” ou “tu tás feia” ou “tens o cabelo assim”. (E3)

...eles aqui têm a mania de se arranhar e mordem e digo que isso não está correto, que têm de dizer: bom dia, boa tarde, obrigada, se faz favor... não interromperem quando estou a falar com alguém, pedir sempre com licença, se vão comer têm que

IMPORTANTE

Confiança por parte dos pais

Regras básicas de socialização passadas às crianças.

	<p>lavar as mãos, esperar em fila, não insultarem-se uns aos outros, não agredirem que às vezes é complicado, porque têm logo aquele impulso de: “ai fizeste-me isto vou-te dar”, logo aquela vontade eee como eles já me conhecem muito bem tem logo essa vantagem, abro os olhinhos um bocadinho mais ... Eles já sabem e pedem logo desculpa porque eles depois percebem que perdem, é depois levado isso como uma coisa adquirida que é: “ela não se chateou comigo, estou-me a portar bem e isso é bom” isto depois, ao fim ao cabo isto depois torna-se uma coisa muito boa. “Hoje portei-me bem não portei?” e eles ficam super contentes. (E3)</p> <p>Normalmente levam daqui pão, quando a gente recebe que às vezes a gente recebe aqui umas coisas, pão ou um brinquedo e isso e a gente dá-lhes. De vez em quando damos e é tipo uma recompensa, eles aqui portam-se bem, pedem logo desculpa mas é aqui dentro... lá fora... há pessoas eu notam que lá fora não são mal-educados, se tiverem com o grupo ou a família já é diferente, é como qualquer criança que quando está com a mãe e o pai faz logo aquelas birrinhas mas nota-se diferença. Em qualquer sítio eles sabem estar, por exemplo, se forem para uma colónia eles sabem estar, sabem estar calmas, sabem respeitar. Pôr a mesa não sabem mas fazem agora, tirar já é pior mas fazem a cama, fazem-na perfeitamente, aprendem, gostam. Lá é paz, vamos passear, aquilo que normalmente fazemos com os nosso filhos, vamos ao shopping, vão à praia, à piscina, eles aqui não podem ir à praia (E3)</p>	<p>Algumas actividades do centro comunit. Parecem ir no sentido de libertar um pouco os jovens do controlo familiar e social e deixá-los experienciar aquilo que todos os jovens gostam de fazer.</p>
<p>2.2. Funcionamento interno</p>	<p>O que nós costumamos fazer é aproveitar o que os voluntários têm de melhor, não vamos direccioná-los demasiado. Temos o nosso programa e tal e se quiserem e se tiverem aptidão para determinada área acabam por se integrar e passado algum tempo têm essa actividade e desenvolvem essa actividade. (E1)</p> <p>não fazemos grande eco desse trabalho. Nós trabalhamos muito no terreno e esquecemo-nos que é preciso, de vez em quando, as tais luzinhas que é preciso divulgar e é preciso dizer que estamos a fazer muita coisa. Aquela questão do marketing, lá está, também é uma das nossas lacunas aaa e se calhar no início (tosse)</p>	<p>Trabalho direccionado para s pessoas, não para fora, não para enaltecimento institucional.</p>

	<p>isso era importante que acontecesse para ganharem a confiança das pessoas, que não estamos aqui para ganhar qualquer coisa à sua conta. Estamos aqui para trabalhar com elas (E1)</p>	
<p>2.3. Atividades Desenvolvidas</p>	<p>Ah, nós também temos os cursos do centro de emprego e depois temos os empregos para os mais jovens só que alguns fazem formações e a gente tenta ver se eles são incluídos (às vezes também são um bocadinho preguiçosos) mas tem que se andar atrás deles. Nós aqui fazemos várias atividades, é tudo um pouco, atividades de cozinha (quando consigo não é), é o banho, a higiene, tratar da aparência que é a parte do cabeleireiro, nós tratamos deles para irem todos muito giros com gel, fazer penteados, que elas adoram, a pintura que é a parte da beleza. Depois temos o lanche todos os dias à tarde, fazem atividades plásticas, decorativas, vêm vídeos, vão para colónias (E3)</p> <p>... eles fazem muitas atividades que os outros fazem e que pagam. É aí a diferença. Porque é assim eles têm que fazer um atividade têm que pagar em qualquer sítio e eles aqui não pagam. Assim eles têm Hip-Pop, teatro, dança cigana, o cabeleireiro (E3)</p>	<p>Empregabilidade e formação</p>
<p>2.4. Serviços prestados</p>	<p>Com os pais há palestras, há tudo, há professoras mas eles agora têm educação noutra sítio já não é aqui o Estado mudou isso, normalmente vem aqui a “Medicis” que trata da saúde deles e encaminha-os para consultas, dão-lhes consultas para bebés, fraldas, champôs, dodots e essas coisas e aconselham sobre tudo o que têm de fazer. A nível jurídico também apoiamos no que conseguimos depois passamos para outras instituições que sejam mais adequadas, a nível de... telefonemas também podem telefonar ... Quase tudo. Encaminhamos, ajudamos quando eles não percebem, porque é assim eles têm muita dificuldade em perceber o português, alguns nem sequer têm a 4ª classe e nem sabem ler nem escrever, normalmente lemos sempre as cartas e temos de lhes explicar o que é porque não percebem o que está lá escrito e é normal. (E3)</p>	<p>Educação para a saúde</p> <p>Apoio jurídico</p>

Marcamos consultas porque alguns perdem-se nos dias, alguns sabem outros não sabem em que dia é que estão, ficam assim um bocadinho perdidos. (E3)

Eu tenho agora aqui dois miúdos que se passam com o chuveiro é uma festa, uma loucura porque a água vem quentinha não há aquela paragem, isto parece que não mas quem lhes tá a dar banho sou eu e para mim é a melhor coisa porque se vê alegria deles. (E3)

...nós tentamos encaminhar para cursos de formação profissional, é o papel que nós fazemos é nesse sentido aaa, garantir que eles consigam a sua autonomia o mais rápido possível, mas não tem sido fácil porque a oferta não é... a Fundação tem agora um departamento de formação profissional, o que nos facilitou encaminhar alguns dos jovens para um curso de pintura, no ano passado. E está agora, estamos também em fase de ... candidatura para outra formação profissional e espero também conseguir colocar alguns jovens. Agora não é fácil! Não é fácil para ninguém, muito menos para quem tem fracas habilitações. (E1)

Os banhos ultimamente tem sido... justificam-se devido aos corpos que pertencem à Fagar que tinham falta de, que tinha os pagamentos em atraso e muito embora tenhamos feito alguma mediação para que as pessoas pudessem pagar as prestações, as pessoas depois acabaram por não pagar e a Fagar, obviamente, que chegou aqui um belo dia e acabou por cortar... não só tirar os contadores mas também cortar os ramais. A nossa posição a esse nível foi de disponibilizarmos os balneários (eu chamo-lhe balneários mas são, é um, apenas uma casa de banho com duche, com chuveiro) aaa e também 15 litros de água por dia para cozinhar e esse tipo de coisas (E1)

As pessoas que não têm água podem vir aqui, sabem que podem vir aqui buscá-la os banhos, obviamente que nós damos prioridade aos pequeninos aaa e há esta situação da Fagar, mas fizemos questão que os miúdos viessem aqui, os mais sujos,

Higiene

Formação profissional
(encaminham para)

Mediação institucional

tomassem aqui banho. Lá está, a relação-proximidade que temos hoje com as pessoas permite-nos pegar na criança e deixá-la na banheira sem ninguém perguntar nada aos pais. (E1)

...a nível dos serviços nós temos dois principais serviços, um deles é o gabinete de apoio social integrado, que é o gabinete que se faz, é a zona dos projectos e que trabalham mais a vertente comunitária e de atendimento aos adultos. E temos o apoio socioeducativo que se destina a crianças dos 6 aos 13 anos de idade. Aaa, no primeiro temos várias áreas de intervenção, temos o tal apoio social, o principal objectivo dessa área de intervenção é a tal mediação inter-institucional (tosse) mediação institucional, porque há muita gente que tem problemas em todo o tipo de, em várias áreas e não sabe como é que há-de resolver o problema ou se realmente o problema é grave ou se não é, portanto há alguma falta de informação e nós tentamos resolver essas situações, informando as pessoas, fazemos os contactos com as instituições (E1)

... até ao ano passado tivemos alfabetização mas a Direção Regional de Educação acabou com isso e muitos dos formandos já vinham de anos anteriores, portanto estavam inscritos, de ano para ano, mas continuavam sem as noções básicas. A nível de apoio social temos o tal banco de roupa, temos o banco alimentar, o serviço de balneários, serviço também de lavandaria (lavandaria, mais uma vez, temos a lavandaria mas é só uma máquina de lavar). (E1)

Isto foi criado também, porque tivemos aqui algumas pessoas que vivem em situação de sem-abrigo, e para facilitar um bocadinho a sua vida, lá está, facilitamos o acesso à máquina de lavar e também há algumas famílias que tinham grávidas já em faseee Avançada, exatamente. Depois temos o apoio logístico e administrativo, que é o preenchimento de formulários e requerimentos. Serviços de email, fax aaa esses serviços de email e fax estão relacionados muito com os vendedores ambulantes que eles precisam de pedir autorizações para as vendas ambulantes e nós fazemo-lo através desses dois meios. Antes de criarmos estes serviços, muitos deles faziam as

Apoio socio-educativo

Já tiveram alfabetização
Banco de roupa
Banco alimentar

As actividades e os serviços parecem ir no sentido de suprimir as necessidades da população do bairro. O centro funciona como 1 apoio importante para as famílias

vendas ambulantes sem autorização, porque fazia com que, chegavam aqui com coimas para pagar porque não tinham autorização e então eram multados. Hoje em dia, a maior parte faz os pedidos, o email também é uma coisa rápida e eficaz portanto... temos também o serviço de telefone, que neste momento existe dois números fixos e normalmente aaa destina-se só para questões relacionadas com emprego, saúde ou situações de urgência. Também temos o serviço de fotocópias e uma coisa tão básica como o apoio à leitura e interpretação de correspondência, aaa isto parece uma coisa pequena mas para certas pessoas acaba por ser muito importante (tosse). Ainda há pouco tempo houve uma utente nossa que chegou aqui muito aflita porque tinha acabado de receber uma fatura para pagar e tinha já pago ontem e foi a confusão de duas cartas que foram enviadas mais ou menos à mesma altura, porque ela já tinha pago e não tinha que pagar outra vez... então foi simplesmente explicar o que é que era e pronto (E1)

Depois temos outra área de intervenção que é a intervenção urbana e requalificação ambiental, que é a promoção de acções de melhoria de segurança e limpeza do bairro. Vamos participar agora no próximo “Limpar Portugal”, vamos trabalhar, fazer os trabalhos um dia antes porque a Fagar tem muito mais meios disponíveis do que no próprio dia do “Limpar Portugal”, em que vai ter que se dividir, nós acabámos por trocar as luzinhas do “Limpar Portugal” por uma intervenção mais rigorosa. Depois sinalização de situações de risco para a segurança e saúde pública aaa sempre que, a questão da iluminação pública, por exemplo, (tosse) neste momento também estamos, (mas isso a título particular), estamos agora com um baixo assinado para entregar à Câmara para alterar o sentido do trânsito daqui da passagem de nível, porque isso para além de não ser útil para quem cá trabalha e para quem mora cá também não... acaba por transmitir uma má imagem de guetização.

Depois promoção para a melhoria da imagem do bairro junto do restante tecido urbano. Isto é outra das nossas acções em podemos participar fora com outras entidades também, promover a nossa oferta também fazemos. Depois temos outra área que é o emprego e formação profissional que obviamente é uma área complicada

do bairro a todos os níveis

IMPORTANTE!

por falta de acesso tanto a formação como de emprego. Fazemos mediação com as entidades empregadoras sempre que há utentes nossos que recebam, como locatários, nós fazemos um primeiro contacto, tentamos saber o que é e onde é que é, porque há muito também a tendência de recusar logo, porque é muito longe ou porque enfim... nós tentamos fazer também a... fazer aqui a mediação. Temos o apoio do acompanhamento de candidaturas à criação de pequenas e médias empresas aaa onde se incluí aqui o microcrédito. No ano passado fizemos um acompanhamento para o microcrédito e temos o apoio à elaboração de currículos aaa o modelo europeu. Depois temos também a área da intervenção uma área, que é cultura, apoio às actividades recreativas, tem a ver com a comemoração de dias festivos, como por exemplo o aniversário do Centro, do Natal e por aí fora. Aí tentamos juntar toda a gente e todos participam na organização e na realização das festas. Temos a realização de exposições fotográficas e por actividades realizadas no Centro, vamos ter agora o mercado social no final deste mês. Depois também, pontualmente, organizamos workshops temáticos. Temos uma parceira com o Centro de Saúde aaa de forma a que uma equipa de enfermagem se desloque aqui uma vez por semana, neste momento estão-se a deslocar aqui às quartas de manhã e fazem o atendimento/ triagem das pessoas, escusam de se deslocar ao Centro de Saúde aaa e fazem aqui os primeiros socorros, controle das vacinações e por aí fora. Depois temos como projectos em parceria, um projecto “Mais Próximo”, da Cruz Vermelha, no âmbito dos contractos locais de desenvolvimento social, aaa e a esse nível temos tido a sorte de ter o Teatro do Oprimido, desenvolvido pela Júlia Witte, que tem feito um excelente trabalho, a quem temos de agradecer e a nível da Cruz vermelha (E1)

O ASE que é o atelier socioeducativo também tem várias áreas, tem artes plásticas, animação desportiva, actividades recreativas, artes performativas que é onde incluímos o Teatro do Oprimido e a dança cigana; culinária, colónias de férias, tecnologias de informação, visitas de estudo e estudo acompanhado. Este último é feito, realizado pela nossa voluntária (que acabou de sair). Aaa temos mais duas voluntárias que vão começar um projecto de educação pré-escolar, que vão

	<p>trabalhar... são duas educadoras voluntárias e vão fazer a preparação para o ingresso do 1º ano escolar. Depois, isto para crianças dos 6 aos 13 (E1)</p> <p>Nós temos neste momento, estamos a trabalhar num blogue aaa, nos próximos tempos vamos pô-lo no ar e vai ser a nossa forma de divulgar... é uma questão também de fazer o reconhecimento de quem trabalha cá, é uma forma de, quem trabalha cá e é remunerado, aos voluntários e às pessoas que aqui estão. Depois temos aqui algumas pessoas, residentes, que têm a sua própria firma... Temos aqui uma pessoa que tem uma empresa de desratização, temos um artesão que faz um trabalho espetacular em fósforos. Vamos usá-lo também para divulgar essas empresas locais (E1)</p>	
<p>2.5. Pontos fracos do seu trabalho</p>	<p>... temos de respeitar, principalmente o ritmo das pessoas, porque por nós já teríamos feito muito mais como é óbvio, mas as coisas não funcionam assim.(E1)</p> <p>... depois dos 13 para cima é a nossa grande falha... porque não temos nem recursos humanos nem espaço. Temos aqui este gabinete que de vez em quando acabamos por disponibilizar para os jovens estarem aqui, mas é um espaço muito limitado e então não tem grandes condições para eles cá estarem aaa, o que tentamos fazer é encaminhá-los aaa sendo que eles vêm aqui tentar encontrar... lá está, as parcerias, quem possa colmatar essas nossas falhas, em relação aos jovens, e encontramos isso no Teatro, porque temos um grupo que trabalha ooo, os jovens mais velhos (tosse) aaa, tentamos também com o futebol, claro mais uma vez com a Cruz Vermelha... mas as coisas não correram assim muito bem, mas de qualquer maneira foi uma experiência e temos de fazer experiências ... mas enfim... é a vida! Eee... é a nossa grande limitação, fazer o trabalho com jovens. (E1)</p> <p>Agora de fora falta muito reconhecimento, falta muitos recursos humanos, falta espaços, precisamos de uma sala maior para fazer coisas diferentes aaa (pausa 3s) hum sim, a nova geração (não sei dos mais velhos que agora estão a crescer) da “Minoria do Gueto” ver se pode-se formar alguns, alguns querem-se formar em, em profissões sociais... porque não!? Se começa a haver habitantes que estejam no</p>	<p>O trabalho com os jovens (problema com o espaço)</p> <p>Poderia haver outro tipo de participação por parte da população no centro, de forma a complementar o trab. desenvolvido pelos técnico.</p>

	<p>Centro para dinamizar coisas, se calhar era MUITA BOM! Ainda as pessoas utilizam o Centro como espaço de consumo, pedem, pedem coisas ... mas também fazem coisas, quando há uma festa a malta está lá para organizar a festa, quer dizer... quando é a hora da limpeza toda a gente anda na rua a limpar aaa se é preciso pintar há sempre alguém do bairro para ajudar, acho que podem contar aaa... agora a marca ainda não é um Centro onde os habitantes estão organizados por eles próprios, pronto. Não é o Centro que foi criado pelos habitantes para os habitantes... vêm de fora com uma equipa de fora (que não deixa de ser bom porque também tem uma visão muito mais externa) mas na equipa se houvesse alguém do meio acho que era muito bom! (E2)</p> <p>Falta se calhar... mas, pelas limitações que eles têm, como um ser humano, como técnico e acho que por isso que estou à vontade da parceria, do trabalho que fiz porque trouxe uma coisa nova que eles não sabem fazer, que os miúdos adoram porque é diferente também, que não vai nada contra a filoMafalda do Centro, pelo contrário, (imperceptível), acho que se calhar gostavam mais de ter esse tipo de coisas, pessoas de fora, que não trabalha no Centro, no seu dia-a-dia, no seu quotidiano, que vem algumas vezes por semana trazer uma coisa nova, uma ferramenta nova, um projeto novo que anda sozinho! Depois eles ajudam a encontrar os miúdos, a falar com os pais, a fazer esse dia-a-dia. (E2)</p>	<p>Falta coisas diferentes de pessoas de fora.</p>
<p>2.6. Objectivos do seu trabalho</p>	<p>... são famílias que têm relações de grande competição ... nós estamos aqui também para tentar minimizar essa maneira de estar e, e mobilizar toda a gente, enfim em prol de objetivos comuns não é. Daí que temos este espaço democrático que acaba por congrega todas as famílias e todos os indivíduos. (E1)</p> <p>A nossa, o nosso papel aqui era de promover a melhoria da qualidade de vida das pessoas, mobilizar recursos e fazer com que as pessoas participem neste processo, esse é que é o nosso grande objetivo. (E1)</p> <p>E fazemos questão, das pessoas que estão aqui connosco, também de... conheçam a</p>	

	<p>realidade. Às vezes há situações em que não está próximo e acabamos por não fazer esse trajecto mas a maior parte das pessoas são convidadas a dar uma volta ao bairro e isso faz com que as pessoas, os residentes, aaa contactem com pessoas de fora e normalmente são pessoas que acabam por nos trazer algum, alguma, que estão aqui por um motivo que consigam ser benéficos para eles. Nunca se faz uma visita do tipo turística, para mostrar o que aqui há, a ideia é sempre para mostrar as condições que aqui há para melhorar, não é de... de bota abaixo. (E1)</p>	
<p>2.7. Surgimento do centro comunitário</p>	<p>O centro comunitário surgiu de um projeto de luta contra a pobreza, que durou 3 anos aaa, terminou em 96 e na altura houve a necessidade de dar continuidade das ações do projeto. Existe esta coisa física, o centro comunitário, mas não tinha, estava associado ao projeto mas não tinha aquela situação de autonomia (tosse) em relação ao projeto. Então a Fundação António Silva Leal aaa acordou com a Segurança Social dar continuidade às ações, tornado o centro comunitário uma estrutura autónoma do projeto e fez com que isto se tornasse num centro comunitário, propriamente dito, sem final à vista, a ideia é continuar aqui enquanto o bairro cá estiver. (E1)</p> <p>... o centro ... foi construído 2 anos depois do projeto ter sido iniciado. Houve um primeiro contacto com atividades recreativas, atividades de rua. O primeiro grupo a ser trabalhado foi o grupo das crianças (por uma questão de facilitar depois a integração) e a estrutura física que dava apoio às atividades encontrava-se no, na Atalaia, no antigo tribunal de famílias menores, também era uma estrutura em pré-fabricado. Algumas atividades eram desenvolvidas lá e mais tarde houve a necessidade de criar aqui um espaço físico aaa mas obviamente que isso houve vários obstáculos, primeiro desconfiança das pessoas em relação ao que vínhamos aqui fazer depois as pessoas tinham, conotavam muito a Fundação como entidade ligada à Câmara Municipal (que era uma entidade que prometia realojamento mas que não, acabava por não efetivar), tivemos de fazer um trabalho, um esforço para nos afastarmos dessa imagem, o nosso trabalho não era aqui propriamente, não tinha nada a ver até com a questão do realojamento, eventualmente teríamos até forçosamente</p>	<p>O trabalho com a pop. Ao início não foi fácil.</p>

	<p>trabalhar essa temática de preparação para o realojamento mas não vínhamos aqui dizer que vamos dar casas ou que vamos construir um novo bairro ou seja o que for. A nossa, o nosso papel aqui era de promover a melhoria da qualidade de vida das pessoas, mobilizar recursos e fazer com que as pessoas participem neste processo, esse é que é o nosso grande objetivo. (E1)</p>	
<p>2.8. Opiniões externas sobre o trabalho desenvolvido</p>	<p>O facto de trabalhar com as crianças é uma boa porta de entrada para contactarmos os adultos e depois a Fundação <i>tá</i>, o centro comunitário <i>tá</i> há 10 anos, tem uma grande respeito, no bairro então facilita. Eles fazem um bom trabalho, as pessoas gostam do trabalho que fazem, é um ponto de referência positiva... no bairro. Os miúdos também <i>tão</i> lá com regras, com princípios, etc., e acho que facilita muito a interação com o resto da comunidade. (E2)</p> <p>Eu gosto da forma como trabalham. Acho que é um espaço aberto... a porta quando está fechada aqui, porque eles precisam trabalhar muitas coisas e eles têm razão porque senão é uma bagunça total. Mas as pessoas estão em casa, podem fazer telefonemas, podem tomar banho, pode ter qualquer tipo de ajuda (se eles podem dar dão). Depois quando fiz a oficina das vizinhas com as mulheres, pedimos para elas olhar o mapa e dizer o sítio que gostavam mais do bairro e gostavam menos... todos foram unânimes, a Fundação, o Centro comunitário era o ponto de referência positiva é o sítio onde podiam encontrar apoio. Os miúdos delas, das mulheres, também estão lá em segurança, para eles também é importante saber que eles estão lá em segurança, são bem tratados, têm lanche e fazem coisas diferentes. Depois o que eu gosto é um Centro plural são capazes de fazer um telefonema para a Segurança Social com, de ajudar a fazer um trabalho de casa sobre matemática, como a dar conselhos como dar o leite ao bebé como... E- Achas que o trabalho deles vai muito de encontro às necessidades das pessoas? e- Claro! Depois também não é sempre trabalho por projectos é um Centro que está lá, e está lá! Portanto, é a mesma equipa que está durante anos que eu acho MUITO importante... que também é importante para eles, porque encontrar motivação para continuar não é simples mas aaa é uma equipa pequenina e pronto. Mas acho que ... e tem muito bons pontos. A animadora conhece</p>	<p>Espaço aberto</p> <p>“Ponto de ref. positiva”</p> <p>Centro plural, que oferece uma quantidade de serviços variados.</p> <p>Trabalho contínuo, sem interrupções</p>

os miúdos de há 10 anos portanto ela pode seguir bem, o motivar bem, sem problema algum (embora depois a confiança aí cai e pronto) isto acho que são bons pontos. Falta visibilidade, muita visibilidade de trabalho. ... Reconhecimento externo porque do público eles têm. As pessoas vêm, gostam. Se o Centro fechasse era terrível não é, o público é essencial, o público-alvo. (E2)

Bom, há coisas que eu gosto de, que eles fazem com as crianças e jovens que é as regras... dentro do espaço... e para mim são regras que serve para a vida, pronto. Cumprimentar, dar beijinhos, ser limpo, respeitar o espaço (os miúdos respeitam muito o espaço, arrumam o espaço, varrem o espaço, etc, o espaço deles e eles cuidam muito bem disso) e isso eu acho muito positivo porque é... isto não precisa de realizar uma grande atividade, é no dia-a-dia, no dia-a-dia é seu o espaço, mas tu cuidas dele, e tu cuidas das pessoas que vivem nesse espaço e que trabalham nesse espaço. Isto acho que eles conseguem muito bem! Acho que os miúdos são muito respeitosos do sítio e das pessoas, cada um com os seus feitos e com os seus altos e baixos, mas no geral acho que não há problema. Eu gosto muito do trabalho que eles fazem, as regras... que são regras básicas... realmente não há regras estúpidas são regras de vida básica, pronto... que falta muito nessas crianças e que eu acho que pode ajudar a ir para a escola e para pronto. Depois têm uma relação bastante horizontal com os miúdos. Os miúdos não têm que os tratar por você, usam os nome, o tu, têm o direito de falar, uma relação bastante horizontal parece-me justa. Acho que os miúdos percebem muito bem quando fazem asneiras e pronto, não há discriminação de um e de outro, os miúdos são tratados da mesma forma. Isso para mim é a base de qualquer trabalho, depois as atividades em si muitas vezes são atividades de tempos livres, pronto, mas aí é... quer dizer, não são super-homens nem super-mulheres e não têm as, os talentos todos para ensinar aos miúdos. Eu acho que já há essa dinâmica de cuidar de si, cuidar dos outros, cuidar da (imperceptível), e fazer atividades do dia-a-dia, do pintar, do desenhar, do recortar, do cantar, do dançar é pá!!! (E2)

Falta visibilidade e reconhecimento do exterior.

O respeito pelo espaço que se traduz em regras para a ida.

Horizontalidade nas relações, relação justa, sem manifestar preferências ou discriminações.

		<p>O resto das atividades, eu acho que é... é <i>pá</i>, com o orçamento que eles têm e o tempo que eles têm e as possibilidades que eles têm, eu não vejo o que eles podem fazer mais! Eu sinceramente acho que eles estão a dar o que podem dar. E já a motivar-se a si próprio todos os dias não é, vai pensar naquele sítio, não é fácil! Vivem-se histórias de vida dramáticas, burocracia à força toda, o não reconhecimento do trabalho, e pedir para ir mais além... o que podemos pedir mais às pessoas além de respeitar o público-alvo, de fazer o que eles podem com eles, quer dizer, acho que é... não sei! Eu não me sinto legítima de criticar o trabalho que fazem. E há coisas, de vez em quando, que ou não gostam ou não estão de acordo, mas respeito muito porque eles têm 40 horas semanais ou mais... É muito tempo! E continua a ser eles, continua a sorrir, continua a ter humor, continuar ali a ter um certo grau de distância que eu acho que é essencial para a sanidade mental deles, de qualquer forma, sem falhar... continuam a ser solidários, a fazerem o seu trabalho e não sei quê. Não entram em baixas durante meses... é <i>pá</i>, pronto, para mim pode-se chamar de férias aaa pronto. Com os seus feitios, obviamente, mas eles nunca falam, se falam mal do seu público-alvo é porque realmente não é pelo público-alvo, é chata, por ser chata e não por ser cigana, é porque é uma CHATA, pronto. Não discriminam, são os porta-vozes, defendem, acho que é... e o público-alvo sabe muito bem que a equipa está do lado deles... e ralham e brigam e zangam-se porque é uma relação de amor-ódio, é normal, fogo! Mas acho que há muito respeito mútuo que isto para mim é a base do trabalho comunitário social, se não há não se faz. Não há hipocrisia neste projeto, não há sentimento de caridade (não há a pobrezinha), não há sentimento de superiores ou não superiores a eles, nunca ouvi e nem vi isso e isso para mim é RARO em Portugal, é MUITO raro não é! (E2)</p>	<p>São apontados vários aspetos positivos do trab. realizado pelos técnicos do centro comunit., sobressaindo mais uma vez a clareza nas relações e nas intensões do seu trabalho, + o compromisso dos técnicos com as pessoas do bairro.</p>
<p>3. Grupo “Minorias do Gueto”</p>	<p>3.1. Elementos do grupo</p>	<p>Para mim... não sei, são adolescentes normais, com roupas normais aaa adolescentes. Reflete bem a sociedade portuguesa, a sociedade europeia, a sociedade, os jovens europeus ciganos, com os dilemas deles... e o grupo não é só ciganos o que é mais fixe porque é mais rico, acho. Mas tem sonhos de jovens, músicas de jovens, preocupações de jovens aaa acho que muito simpáticos. Eu acho que a nível social</p>	

	<p>são, são... em comparação com outros jovens com quem trabalhei, demorei muito menos tempo a ter uma relação normal, sem dar berros, sem fazer um pacto de confiança, sem <i>tá, tá, tá...</i> acho que são jovens que... mesmo pelo trabalho que o Centro faz porque eles frequentaram o Centro desde pequeninos, portanto, estão habituados eeu acho que é um trabalho muito mais facilitado que com outros jovens. Eu acho inclusive muito mais simpático que muitos jovens (E2)</p> <p>Muito divertidos. Complicados às vezes mas eles são... eu acho que são divertidos e espontâneos, esquecem-se um bocadinho do que se passa lá fora quando estão aqui dentro. Depois temos casos, o Sérgio é muito mimado mas são muito extrovertidos, muito meigos, gostam de coisas novas. Tudo o que é coisas novas eles aceitam muito bem. Acho que as características deles é serem muito extrovertidos e meiguinhos, eles aceitam bem as coisas e depois são calmos. Agora <i>tão</i> na loucura das hormonas, na fase do namoro é complicado! Mas de resto acho que eles são calmos. (E3)</p>	<p>1 grupo de jovens normais, fáceis de trabalhar, extrovertidos, meigos e calmos.</p>
<p>3.2. Enquadramento familiar</p>	<p>Conheço duas... três até porque também trabalho com os mais pequeninos e porque são famílias que vêm, pronto, também isso é importante, não se esquece isso. É <i>pá</i> são famílias que frequentam o Centro, são famílias que podemos falar. Os problemas são de toda a gente, são famílias pobres. ... (E2)</p> <p>E- E a nível das famílias do grupo “Minoria do Gueto” tens contacto com elas, conheces, sabes os problemas ...</p> <p>e- todos têm irmãos. Aaa alguns são ciganos outros não ou <i>mixers</i>, uma que é <i>mix</i> inclusive. ... para mim são famílias pobres mas que tentam enquadrar os miúdos, acima de tudo são presentes, tentam perceber o que fazem. Há um pai que noutra dia encontrou-me na rua de bicicleta e: “Ah então mas o meu filho já não faz teatro porquê?” (e eu fiquei assim fogo a primeira vez que estou a ouvir os pais a falar de teatro) “Porque é muito tarde”, “Oh que pena porque eu gostava muito” e não sei quê, “Mas se calhar vamos começar com calma” e pronto. Para a maioria dos ciganos isto é... Os miúdos são muito livres, os miúdos vão no ATL e a maioria não dizem que fazem teatro ou vão no ATL, na escola, no Centro e lá fazem coisas, fazem dança,</p>	

fazem teatro e quando começam a cair lá para ir mostrar aí têm de falar com os pais, pronto. (E2)

E- E a nível das famílias dos jovens do grupo “Minoria do Gueto”, que tipo de famílias são? ... e- São um pouco... são todos diferentes ... alguns dedicam-se à venda ambulante, portanto de produtos sazonais, aaa outros são beneficiários do rendimento social de inserção aaa... curiosamente, o teatro acabou por, por... porque há aí alguns que de outra forma, não estou a ver a conviver que isso é uma coisa muito boa e muito interessante! Por acaso fiquei admirado em ver quem estava a participar e com era composto o grupo. (E1)

eu acho que quanto à família, como metade das famílias numerosas, é quase natural que haja algum distanciamento ... a maior parte dessas famílias têm bebés e por isso inclui que as atenções estejam viradas mais para as crianças mais pequeninas, por questões de sobrevivência e lá está, eles aqui crescem mais depressa. Acabam por se tornarem autónomos pelo menos a nível de, a nível mental muito rapidamente. Acho que é uma relação, não diria de distanciamento... mas com alguma autonomia. (E1)

E- E a relação deles com a família como é que é?

e- É boa. Apesar de haver aquelas discussões de pai e mãe, normal, mas é boa. Elas como têm muitos filhos acabam por não dar tanta atenção ou não ligar tanto. Eles quando chegam aqui são muito chatos comigo, às vezes, no aspeto: “Sónia tenho fome, Sónia dá-me isto, Sónia dá-me aquilo” depois são muitos às vezes e sugam-me a energia porque estão sempre a pedir coisas. Pedem, pedem, pedem e eu: “e então quem me dá a mim”, ficam a olhar muito sérios para mim... pedem muita atenção como elas têm muitos não dá para dar atenção a todos, é complicado. (E3)

<p>3.6. Relação com a comunidade</p>	<p>E- Porque é que gostas mais de Pechão? e6- ‘Tá a minha irmã olha! E- Tens lá família, é isso? e6- Tenho. Os meus tios as minhas tias. (GD)</p> <p>E- E com as outras pessoas do bairro dão-se bem e- [Depende, depende. Há umas que não gostam, há ciganos que são um bocado brutos com eles e eles não gostam, fogem logo outros que nem ligam, por exemplo, os ciganos não gostam dos miúdos de cor chamam-lhes de drogados e então não gostam deles e nem sequer vão para ao pé deles, têm mesmo medo as miúdas e os miúdos. Eles são muito ciganos com ciganos. ... (A3)</p> <p>As famílias dão-se bem e eles dão-se bem com os ciganos. Eles não fazem diferença, talvez os pais, mas eles não ligam a isso, a eles passa-lhes ao lado. Há noite às vezes hà confusão com essas pessoas então eles como vêm os pais em confusão não querem, têm receio de <i>tar</i> ao pé deles. À noite também eles bebem e ficam agressivos e é normal eles não quererem estar ao pé da confusão. (A3)</p>	<p>Jovens procuram evitar as confusões entre as famílias.</p>
<p>3.11. Perspectivas de futuro</p>	<p>É um estatuto terem namorado e depois falam no casamento que só vão casar a uma certa idade, que para elas é aos 20, que é cedo mas já é melhor ... Filhos, depois querem ter 2 e querem ter uma casa depois querem ver como é as coisas e “depois faço isto e faço aquilo” elas contam-me, elas falam muito e contam muita coisa e eu dou-lhes conselhos “pensa bem faz as coisas com calma”, nem todas são... são diferentes, “não te atires logo ao primeiro rapaz que te parece, escolhe, tens de ver se ele também é boa pessoa porque há alguns que são agressivos, não vale a pena escolheres logo um que depois te vai bater”... E elas se não se atirarem logo de cabeça têm mais tempo para pensar, quanto mais velhas forem mais maduras estão para pensar a situação em si. Agora vai casar a Miriam que vai fazer 18, portanto já pensa de outra maneira, já tem mais cabeça não é tão criança, é bom. Esta é a primeira que vai casar tão tarde, aqui no bairro. Normalmente é aos 13, 14 esta já tem</p>	<p>As raparigas ciganas ainda parecem estar muito direcionadas para o casamento, embora estes comecem a surgir mais tarde.</p>

		<p>18. (E3)</p> <p>Digo a eles para começarem a trabalhar. Há umas que já querem... que lhes disse por exemplo que a via militar proporciona isso e é uma vida completamente diferente. Sempre se vai-lhes dizendo opções depois eles escolhem. “depois tens de fazer isto por uns anos ou podes tirar um curso profissional de cabeleireira ou unhas, depois podem trabalhar para a (imperceptível) e têm um emprego, ganham o vosso dinheirinho, podem comprar as vossas coisas” e elas já têm uma mentalidade diferente e querem fazer só que vamos ver como o caminho lhes flui, porque a família depois... elas não podem trabalhar, como não é homem... deixa lá ver, eu tenho esperança que estas sejam mais rebeldes, mais diferentes e com menos filhos agora até têm menos vão até aos 8 mas menos ainda era melhor, que era para terem mais qualidade de vida. (E3)</p> <p>Esta é a geração que já passou por aqui. Há rapazes aqui que ainda querem gozar a vida, há uns que querem tirar a carta porque há ciganas que têm a carta, aqui no bairro não há muitas, acho que não nenhuma... mas noutros sítios há. Então elas já pensam em tirar a carta e conduzir, não é só o marido, portanto isso é muito bom, elas estão a começar a abrir horizontes e eu vou-lhes abrindo “isto pode ser feito assim, de acordo com a vossa lei” (E3)</p>	<p>Tentam mostrar-lhes outros caminhos, mas a pressão familiar é muito forte.</p>
4. Teatro	<p>4.1. Peças apresentadas (temas)</p>	<p>... eles têm a consciência daí confrontar o público com essa consciência é um passo que já fizeram a peça da escola, claro. Essa do namoro proibido também é uma coisa muito do bairro e não só, desses jovens também. Bom, acho que falta muita consciência política no sentido de dizer “eu sou cigano e vivo naquele bairro e o resto que se lixe”, pronto. ... Não há... Agora a pouco e pouco eu acho que chegamos... o facto de dançar, o cigano a dançar hip-hop, uma cigana dançar em público é, porque é um dos preconceitos também para quem vê. “Então ciganos ali da Horta da Areia também dançam hip-pop, ballet, que é isso?!”, pois mas dançam e representam, não têm vergonha de representar isto eu acho forte. Agora passar a discussão com o</p>	<p>1 pouco a justificação do porquê de ainda não usar o T.O. no sentido político de discussão e resolução de problemas. Porque falta aos jovens</p>

	<p>público e o porquê e não sei o quê mas por etapas, quer dizer, devagarinho, eu acho que são jovens todos, com 15 anos, quer dizer eu aos 15 anos seria incapaz de fazer o que eles fazem, incapaz! Isto de dançar, representar, tudo isto em palco (E2)</p> <p>Mesmo eles dizem, há uma pergunta e eles vão logo buscar coisas de casa, coisas que já viveram e querem mostrar várias versões. Por exemplo, isso do Hip-Pop é o estatuto ... aí já se identifica e poder fazer um desporto quando não fazia, o ballet que é uma coisa para gente muito fina. Eles vão buscar coisas que gostavam ou já viveram ou já presenciaram, isso é excelente! (E3)</p>	<p>ainda essa consciência política. Porque há que respeitar o tempo deles porque são novos novos ainda.</p>
<p>4.6. Aspectos positivos do teatro</p>	<p>Experiência, experiência. Controlar as emoções, saberem ter mais calma no momento de, em que esteja violência ou seja mais complicado mais tenso, têm mais controlo deles, pensam de outra maneira, têm outra visão, já sabem mais. Noto que às vezes com os pais não conseguem comunicar porque os pais são muito mais básicos que eles, eles já estão num nível mais acima (ainda bem!) já percebem melhor as coisas. (E3)</p> <p>Eles vão buscar coisas que gostavam ou já viveram ou já presenciaram, isso é excelente! (E3)</p> <p>E- E em relação ao Teatro do Oprimido o que é que achas enquanto atividade para se fazer com os jovens? e- É excelente! Eles adoram é a parte que eles gostam mais de ir e não se fartam e eles dedicam-se tanto, tanto, tanto a gente nota aí que é fixe. Gosto de ver a Isa a imitar vê-se mesmo que a miúda expande aquilo... sim, a representação é uma coisa interessante, fazem-lhes ver de outra maneira os papéis quando fazem de certas personagens, faz-lhes ver como é complicado, eles notam e é bom fazer personagens diferentes. Porque eles não têm isso em casa e aquelas coisas que a Júlia faz de controle e isso é muito bom para eles, ela diz para eles respirarem, e aquelas coisas que ela faz do “bu,bu,bu” isso é excelente para eles e relaxam e gostam de fazer isso.</p>	<p>Já têm uma mentalidade experiências e conhecimentos diferentes dos pais.</p> <p>Algo que lhes transmite sensações diferentes das que sentem por</p>

Então tudo o que é novidade, que é diferente e eles adoram, adoram a dança e o teatro. ... Ah ainda hoje me estavam a dizer: “ai eu gosto tanto do teatro e da dança”, “Gostas?”, “Gosto é tão fixe”. (E3)

... eu acho que também é sempre para este tipo de jovens que têm poucas lembranças positivas, as famílias muitas vezes é uma desgraça, fotografias há poucas, os vídeos há poucas, não há um investimento feito na construção da memória de uma família, muito pouco. E eles estão a construir uma memória entre eles, de amigos, uma memória positiva. ... Com as fotografias, os cartazes, as T-shirts, os momentos, as imagens, as prendinhas, “ah quando fomos a Lisboa comprei isto e comprei este postal” pronto estão a construir uma memória positiva e isso é SUPER importante, acho que é ummm, uma bagagem boa. E na Ala 10, ao lado das camas deles ou entre as camas têm a fotografia de quando fomos a Lisboa fazer o teatro, toda a gente tem a sua fotografia de cama é fixe quer dizer, é uma partilha engraçada e vou mandar no facebook o cartaz da “Minoria” que fiz do amor proibido e a Natália estava a dizer-me: “Vamos imprimir para pôr na escola”, esse tipo de coisas acho que é produtivo!
(E2)

Já o ano passado, quando foi o mercado social, é interessante quando apresentamos essas coisas num sítio onde não tem ligação nenhuma. Por exemplo quando fomos a Lisboa com a Ala 10 o grupo vinha de subúrbios de Lisboa e de Sintra, eram, a maioria de origem africana, devem ter-se identificado logo 2 minutos da peça, etc, houve uma empatia logo que se criou porque eram os mesmos problemas, pronto. Portanto, para eles não estavam admirados com o que representam no palco porque para eles era normal, pronto. Queriam confrontar os artistas e confrontarem-se, foi incrível mas, pronto. Mas quando tu abres isto num sítio como na universidade em que o público, à partida, já tem uma imagem pré-concebida totalmente distorcida desses miúdos, tu apresentas um produto que não choque que não condiz com o que eles têm na cabeça não é... eu acho que até cria dúvidas, não pode ter a certeza mas pelo menos dúvidas. No mercado social, no ano passado, não apresentámos teatro

vezes em casa.

A memória positiva

A exposição pública destes jovens parece ajudar a criar dúvidas sobre os estereótipos criados, quando as

mas a Sónia apresentou o grupo Las Niñas elas estavam cheias de stress, nervosismo, mas estavam super bem vestidos, lindos, com fatos a dançar à maneira deles... (foi um pouco caótico porque não tinha ensaiado muito) mas estavam a dançar com o coração e não sei quê... as pessoas gostaram, claro, e perguntaram de onde vinham: “ah mas são tão limpinhas” foi logo a resposta. Também como é que é possível, miúdos que não têm casa de banho, são lindas, limpas, maquilhadas e dançam para toda a gente no mercado social... mas isto tem de continuar não é! É que é tipo na Horta da Areia há pessoas e há pessoas boas, que fazem coisas, que produzem inclusive que têm a lata e a coragem de apresentar, foram os únicos o ano passado, com o rancho folclórico dos deficientes mentais foram os únicos que apresentaram coisas, os pobrezinhos da Horta da Areia e os deficientes mentais... que vergonha, quer dizer... não há mais nada?! Foram os únicos que tiveram coragem de se inscrever e de fazer num mercado, não é simples como um público... onde tem os velhotes todos lá, toda a malta mais tradicionalista de Faro está lá, quer dizer é preciso ter coragem, não ter medo, portanto é de uma certa forma ou uma certa consciência e uma certa ... temos de continuar sim, de mostrar que há coisas que se faz que são coisas boas e isso é dar visibilidade ao bairro, sair do bairro e mostrarmos o que fazemos. (E2)

Ah da vida deles sim, no sentido que pode sair do bairro que com uma atividade pode sair do bairro confrontar outras pessoas, visitar outros sítios, sim. E ter coragem para mostrar no palco aquilo que são, se calhar ainda não têm uma mudança muito consciente e quê mas acho que a longo prazo vão começar a sentir. Mais segurança em palco, mais isto com os pequeninos, segurança no poder de representação que acho que isto é interessante... mais noção do que pode ser bom na minha vida geral e tal e adquirir novas competências e sentir-me mais forte e assim ou assado... mas isto também devagarinho. Agora quanto tempo? Não sei! Eu na Lousã trabalhei com miúdos, durante 4 anos, e eram miúdos de todo o tipo, jovens um pouco mais velhos, havia de famílias muito (imperceptível) e de famílias muito mal mesmo, era um grupo muito unido um grupo de amigos da mesma turma ummm e eu acho que só agora

peças são apresentadas a públicos com realidades diferentes da do bairro.

IMPORTANTE!

Talvez a noção das ferramentas e competências que o teatro lhes trás só chegue mais tarde quando forem mais velhos e conseguirem refletir sobre a aplicabilidade do teatro nos vários âmbitos da sua vida.

(portanto há 2 anos que não faço nada com eles porque não trabalho lá) e agora que eles estão no 12º ou no primeiro ano da universidade reencontraram-se no facebook, reencontraram fotografias, alguns continuam no teatro (o que acho (sopro) bestial não é!) e alguns começam por uma reflexão sobre a experiência que tivemos durante 4 anos e fizemos muita coisa, não fizemos só fórum mas fizemos muita intervenção também na escola de temas diferentes, de organizar uma manifestação, de organizar uma campanha de solidariedade para angariar fundos para um projeto, enfim muita coisa feita e além do teatro. E só agora é que começa a perceber as armas que lhes deram para certas coisas há uma que: “É *pá* Júlia agora faço um orçamento num instante” porque fazíamos orçamentos para isto e isto e isto, ou “Ah agora também estou um especialista nos cartazes”, “Ai eu da minha turma sou a única que quando precisam de falar sou eu que vou porque não tenho medo de falar em público”... É *pá*! Agora que *tão* a perceber a herança (entre aspas) não é! (E1)

É mais rico para o público (entre aspas), porque eles sabem, eles estão na escola e sabem como se defender e defenderam-se muitas vezes... e o que acho forte para eles é sentir o poder de apresentar: “Isto são os meus problemas, é assim que eu sou e sou vivo”, não é, ao público. Com dignidade e com pronto... vêm desse bairro aaa e “os meus problemas são esses” e... não é pedir ao público de ajudar mas eles não querem saber disso, mas é perguntar ao público: “que tu farias no meu lugar?”, com uma grande dificuldade. Quando fizemos aqui na universidade que as pessoas não sabiam como fazer, pronto. E eu acho que quando fizemos o fórum, a confrontação com o público, para eles é forte a nível da confrontação “eu sou assim, mostro-te os meus problemas, se calhar tu não sabes mas é assim na sala de aula, é assim a escola”, para o público é a realidade que é assim; “oh, não sabia”, se no público eles já viveram: “eu vou mostrar-vos como se faz” a quem não sabe e não ao grupo porque o grupo sabe, mas os outros que estão no público e eu acho isso muito bom aaa eee pronto e é, como não são histórias de vitimização são histórias de injustiça e a injustiça é assim tem o carimbo da Horta da Areia, pronto. Agora o namoro proibido é a mesma coisa

Para os jovens o fórum não é tão importante no sentido de arranjar soluções, pois já as conhecem. É mais para perguntar ao público como agiriam estando no seu lugar. Funciona enquanto forma de mostrar a sua realidade e de levar o público a “calçar os seus sapatos”. Para os espetadores é mais o ficar a conhecer as suas histórias e talvez plantar a semente de que comecem a questionar se a imagem que têm do bairro e dos seus habitantes é real.

(E2)

E- E a nível das famílias dos jovens do grupo “Minoria do Gueto”, que tipo de famílias são? ... e- São um pouco... são todos diferentes ... curiosamente, o teatro acabou por, por... porque há aí alguns que de outra forma, não estou a ver a conviver que isso é uma coisa muito boa e muito interessante! Por acaso fiquei admirado em ver quem estava a participar e com era composto o grupo. (E1)

Como eu disse acho que é uma forma de eles se libertarem um pouco e de falar o que lhes vai na alma e de crescerem... verem que afinal há formas de falar das suas, dos seus problemas e de lidar com ele naturalmente. (E1)

Vamos imaginar aqueles miúdos que não são ciganos e que ouvem os pais a dizerem que os ciganos são isto e são aquilo, depois de repente estão num grupo de teatro em que há ciganos, e eles têm que lidar com eles e vêm que afinal não é bem assim como os próprios dizem... isso provoca algum desequilíbrio mas depois... lá está, é o contacto com a realidade e é... eles construirão a sua própria visão do mundo com base na sua própria experiência e acho que isso é muito bom, isso é muito válido por causa disso mesmo. (E1)

Agora começa, as pessoas começam a questionar o teatro, os miúdos começam a falar do teatro e depois vão representar o teatro e aí começa a ser, não esquecem. Tive uma conversa com uma cigana, que não é da Ala 10 e refletiu muito e disse: “Ah, afinal dei conta quando era jovem, nós ciganos não tínhamos acesso a essas coisas todas. Nunca pensei que os meus filhos pudessem fazer teatro e que afinal é bom porque abre portas, abre as mentes e isso tudo”, escuto dela. Refletiu e começou a ver que afinal de contas é bom. Porque também tem essa dificuldade, esse receio da sociedade, não é culpa deles mas na sociedade a educação é a Escola, o que fazem fora da escola não é educação, não é prioritário. E eles foram tão massacrados com essa coisa de escola, e escola, e a escola, e que têm de ir à escola... alguns até

T.O. permite o contato entre os jovens de diferentes famílias que se calhar de outra forma não conviveriam.

Imp.

Mesmo para a desconstrução de preconceitos face aos ciganos é importante.

Também pode provocar uma reflexão nos pais dos jovens que se apercebem que não só com a escola surgem as aprendizagens.

começaram aperceber que afinal isto não é escola... o meu filho tem de ir à escola, inclusive agora, se o filho não for à escola perde o subsídio, perde os abonos... portanto é um castigo, é uma pressão tão grande da escola e pelo menos com um bocadinho de esforço o meu filho tem de ir à escola. O RESTO (sopro) é *pá*... não é prioritário. Mas isso é toda a gente não é só eles, eu diria. Portanto, entre ir ao teatro e ir ao shopping, o mais importante é ir ao shopping para alguns pais... (sopro) “*Pá* teatro, o que eles aprendem no teatro?”. Agora quando começa a perceber que até o miúdo desenrasca-se, tem talento, gosta e vai lá porque quer, produz qualquer, isto inclusive até... isto para os pais ciganos é extremamente importante receber *feedback* positivo (oh *pá* para qualquer pais deve ser importante) mas para eles, como os miúdos são Reis (até uma certa idade são os Reis), quando alguém que não é cigano diz: “Ah o seu filho tem jeito, dança bem, é bom ator”, UAU para um pai cigano é maravilhoso não é?! Quando começa, afinal de contas o teatro traz uma mais-valia positiva a um filho, que se calhar vai à escola e não consegue ou sempre não quer ir ou não tem boas notas, etc. aí já começam a mudar, mas são coisas pequeninas, são mudanças muito pequeninas. (E2)

E que vê num adulto um potencial para aprender e estão bem assim, o respeito e cada idade tem os seus feitios e não sei quê ... Estão alegres e estão agarrar as oportunidades que têm, gostam muito de estar juntos e uma das motivações deles é estar juntos, não só o teatro mas estar juntos (o que é uma motivação excelente, ainda bem!), como um grupo de amigos (pausa 4s), pronto e o facto de estar com... acho que para eles também não é a escola e não é a família, estamos a falar de grupos diferentes não é! São eles próprios, não está aqui ninguém para julgar, para nada, pronto... e não é a família que é... as famílias ou são muito tradicionais ou estão muito por cima ou não podes fazer isto ou estão-se a *marimbar* normalmente... então acho que este é um bom ponto para eles também. Estão com adultos que eles querem falar ou não aaa têm confiança, desabafam ou não desabafam mas somos adultos diferentes. Espaço e confiança em nós, o que é ótimo, podemos falar à vontade. (E2)

Gostar de estar juntos
1 espaço em que podem ser livres,
fora do controlo da família
Adultos que não os julgam e em
quem podem confiar.

	<p>E- ... o fato de eles estarem apresentar uma peça deles, faz as outras pessoas ficarem com outra ideia de quem eles são, do bairro, das pessoas do bairro, contribui para quebrar um pouco os preconceitos que existem?</p> <p>e- Contribui mas acho que quando se apresenta aquela peça nem se deve dizer de onde é que vem, depois sim. Para as pessoas estarem ouvintes ...</p> <p>E – Achas que bloqueiam?</p> <p>e- Logo. Ficam logo a olhar, ficam a examinar, eu noto isso. Normalmente quando apresento a dança cigana é logo... as pessoas ficam logo apreciá-las e lembro-me de comentarem: “ah ciganas todas jeitosas”... é assim... há ciganas que não se reproduzem tanto mas acho que não é comentários... comentários um bocadinho desagradáveis mas a maioria são comentários positivos porque acharam piada, era diferente. Elas são muito brincalhonas e dançam muito e as pessoas acabam por se cativar. Deve ficar em aberto, acho que não se deve dizer de onde vem, só no fim para as pessoas depois dizerem: “olha lá, elas são de lá e fizeram este trabalho tão giro ou empenharam-se tanto” e assim não ficam logo condicionados “oh são daqui...” normalmente funciona assim. Ou ficam a pensar que a professora é cigana e olham de lado e acham esquisito, “ela é portuguesa não é?” confundem logo mas ficam assim de pé atrás logo. (E3)</p>	
<p>4.7. Metodologias utilizadas</p>	<p>Agora passar a discussão com o público e o porquê e não sei o quê mas por etapas, quer dizer, devagarinho, eu acho que são jovens todos, com 15 anos, quer dizer eu aos 15 anos seria incapaz de fazer o que eles fazem, incapaz! Isto de dançar, representar, tudo isto em palco... Então por isso eu não os pressiono demasiado, fazemos um bocadinho juntos, temos as suas escolhas juntos, são trabalhados de forma diferente, construímos o grupo, eles vêm o que querem, eu acho que isto é extremamente importante. São sérios, é <i>pá</i>, acho que sim... agora vai levar tempo! Temos fé. (E2)</p>	<p>Ir por fases, espeitar o tempo deles.</p>
<p>4.8. Opiniões sobre o TO</p>	<p>Bem nós já tivemos experiências de teatro e sempre como foi uma actividade que cativava sempre os mais novos como os mais velhos, agora com essa componente do Teatro do Oprimido, eu passei a conhecer no momento em que Júlia veio aqui trabalhar connosco e isso faz sentido. Foi uma mais-valia para nós e para os</p>	

participantes poderem fazer o teatro ainda por cima com a história que lhes dissesse directamente respeito não é. Isto acaba por ser uma lavagem também mental e uma forma de crescimento e que lhes diz algo muito directamente e essa questão de ser muito directo é uma coisa que acho que foi muito positivo. (E1)

E- Aaa e qual foi ao início, por parte das famílias, a aceitação da actividade? Foi razoável como as outras? e- É exactamente, acho que não houve... não houve assim grande... porque nós, a nossa política é a mesma com os voluntários. ... Tivemos já “n” de experiências, é uma coisa que nós gostamos de fazer aqui que é experimentar coisas novas, por isso a esse nível acho que não houve grande distância. ... é a nossa forma actual de trabalhar. Agora, sei que o facto da Júlia também ter trabalhado com alguns dos encarregados de educação, dos miúdos que fazem parte do grupo, se calhar fez com que os pais tivessem contacto com ela e com a actividade em si. Puderam experimentar o que os filhos experimentam em si e isso é uma coisa que foi positiva e também, a esse nível não... se calhar foi das poucas actividades em que isso aconteceu. Aaa acho que a esse nível também foi muito positivo. Para nós é uma questão de dar continuidade (E1)

E- Sim e achas que para o bairro ou para a população do bairro, actividades como o Teatro do Oprimido podem trazer algum tipo de transformação ou mudança na vida deles? e- Isto teria que ser a larga escala não é! Mas se assim fosse acredito que sim ... Podia facilitar as relações entre os vizinhos, entre famílias aaa ou pelo menos ser um dos instrumentos a, com muita força para o fazer. Aliás até acho que no futuro, num programa de realojamento faria todo o sentido usar esta técnica. (E1)

E- E continuando a imaginar uma pessoa conhecida o que é que lhe diziam sobre o teatro do oprimido. ...e3- Isso é? E- É o que tu ‘tás a fazer com o teatro.

e4- O teatro é muita fixe.

e5- Há muitas pessoas que queriam e não fazem.

e4- Ya.

	<p>E- Vocês acham que são uns privilegiados por poderem fazer teatro? L- Só pa vos dizer que o teatro que fazemos chama-se teatro do oprimido. Eu nunca disse mas chama-se assim. L- É um teatro que é feito por pessoas que não são atores, como vocês. E que têm coisas para dizer. E- E o que é que vocês acham que aprendem com o teatro? e4- A representar. E- Olhem e sobre o teatro, quais são os momentos que vocês gostam mais do teatro? e5- De tudo. e3- Quando tou à porrada. E- Olha vocês acham que o teatro é um bom sítio para se fazer amigos? e1- Siiimm! e4- É. e3- E inimigos não é T? E- Olha o que é que vocês sentem quando estão a atuar, a representar? e6- Feliz. e7- Vergonha. (GD)</p> <p>É <i>pá</i> o problema... O Teatro do Oprimido é um teatro político, de falar das suas injustiças, opressões, (suspiro) Portugal não é um país político... (E2)</p>	
<p>4.9. Surgimento do TO</p>	<p>... comecei com eles em Abril... de 2010, exato. Abril de 2010, portanto vai fazer 2 anos daqui uma semana. Em 2010 no projecto, no âmbito do projecto “Mais Próximo” da Cruz Vermelha e a Cruz Vermelha parece-me que o projecto tem várias parcerias, nomeadamente a Fundação e o Centro Comunitário. E a ideia do... ah! Surgiu a ideia do Teatro do Oprimido com a Ticha que tinha tido uma reunião em 2009, se não me engano... Há um ano, com os contactos locais dos desenvolvimentos em Faro... ela estava lá, foi convidada pela escola onde ela estava, acho eu ou uma coisa assim. Falou do Teatro do Oprimido com uma metodologia que era bom para trabalhar os problemas sociais isto... havia pessoas da Cruz Vermelha que acharam bem e encontraram-se com a Ticha e decidiram, portanto, no projeto deles de pôr</p>	

algumas horas... acho que era um... sei lá 4 ou 5 horas por semana em dois bairros. Surgiu assim, depois a Ticha aaa em 2010 estava a trabalhar por tardes (imperceptível) nas escola e sabia que eu vinha... ah! quando a Ticha fez essa proposta em 2009 também sabia que havia um plano que ela conhecia o Tó e era amiga do Tó e sabia que eu vinha, portanto ela devia ter pensado: “Eh pá de qualquer forma se eu não posso sei que a Júlia vem, mesmo se a Júlia vem e que eu aceite o projecto me pode ajudar”... é assim, ela sabia que havia um recurso e pronto... Abril de 2010 comecei, com, com, a Fundação e comecei com 2 grupos: um de manhã e um de tarde. E de tarde havia adolescentes mais velhos queee alguns meses depois, foi em Janeiro do ano passado 2011 disseram: “Epá Júlia depois da festa de Natal...”, que tinha sido complicado porque os miúdos faltavam muito, desconcentrados, os mais velhos sentiam-se um pouco envergonhado (de má qualidade, entre aspas) e viram os mais velhos da Ala 10 que tinham sido profissionais, não é, acho que a terceira, viram os que eles faziam e sentiam-se um pouco assim. Fizem-me o pedido, em Janeiro, para fazer um grupo só deles, dos mais velhos. Nós queremos trabalhar os mais velhos porque com os mais pequeninos é complicado. Então durante os primeiros tempinhos tive 3 grupos, das crianças e dos mais velhos, uma minoria. E depois da criança à tarde só que tive também de deixar porque também era muitas horas e a Cruz Vermelha não podia pagar, não podia pagar tudo, portanto sacrifiquei um pouco os mais pequeninos à tarde por isso estão sempre a chatear ...isto começou assim. Porque eu tava no centro comunitário em Teatro do Oprimido sim, mas não com todos, porque não vão fazer teatro fórum nem nada mas eu acho que é uma expressão teatral muito baseado nas metodologias do Teatro do Oprimido, pronto. (E2)

Foram eles que fizeram o pedido “tal e queremos um grupo de mais velhos e assim fazemos um grupo de mais velhos e trazemos mais pessoas” e trouxeram mais pessoas, da iniciativa deles e agora juntam a dança e acho que ainda dá mais, é fixe porque junta as duas que gostam mais também. Mas a iniciativa de constituir um grupo de jovens assim é a primeira vez e com adolescentes, nunca tivemos um grupo

		de adolescentes. Eu e o Paulo dissemos: “É certo que os 15 anos vão passar, pouco a pouco depois dos 15anos podemos continuar a ensaiar”. É só pedir licença e ter uma chave para poder ensaiar, portanto o grupo além das atividades do Centro, eu diria. Vai começar a ter um grupo independente, o que é fixe e pouco a pouco se calhar organizamos outras coisas diferentes... tá bem coisas para o bairro também, uns cresceram outros formaram mas acho que é um potencial. (E2)	
5. Faro			
	5.2. Opiniões Jovens sobre a cidade	Uma cidade simples. (GD) Tem pouco carros. (GD) Não é confusa. (GD) Pff não presta. (GD) Ah, mais ou menos. Não é lá grande coisa. (GD)	